UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

Izabel Cristina Pinheiro Laguna

MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE: UM ESTUDO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Santa Maria, RS
2017

Izabel Cristina Pinheiro Laguna

MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE: UM ESTUDO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Orientador: Profa. Dra. Elenir Fedosse

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática
da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Laguna, Izabel Cristina Pinheiro
MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE: UM ESTUDO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS / Izabel Cristina Pinheiro Laguna.- 2017.
72 f.; 30 cm

Orientadora: Elenir Fedosse
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, RS, 2017

1. Música 2. Cognição 3. Afetividade 4. Instituição de Longa Permanência de Idosos 5. Envelhecimento Ativo I. Fedosse, Elenir II. Título.

© 2017
Todos os direitos autorais reservados a Izabel Cristina Pinheiro Laguna. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
Endereço: Avenida J. K. de Oliveira, n. 1962/207, Bairro São Gonçalo, Pelotas, RS. CEP: 96075-810
Fone: (53) 9 8131.6937; E-mail: izabelaguna@yahoo.com.br

Izabel Cristina Pinheiro Laguna

MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE: UM ESTUDO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Aprovado em 26 de outubro de 2017:

Elenir Fedosse

Elenir Fedosse, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Johannes Doll, Dr. (UFRGS)

Marco Aurélio de Figueiredo Acosta, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Quero inicialmente agradecer ao meu Pai Oxalá, que guia meus caminhos e me dá forças para prosseguir na jornada nesta vida.

Aos meus pais que mesmo não estando presentes aqui neste momento, estão no meu pensamento, agradeço pelo exemplo que sempre me inspirou, de força e determinação, a sempre recomeçar e nunca desistir.

Ao meu filho Pedro pela oportunidade de caminharmos juntos, pelas palavras certas quando mais preciso e por também me ensinar a ser mãe.

Aos colegas e amigos que conquistei no Mestrado, um pouco de cada um está na no meu trabalho

Em especial a duas, Cátia e Juliana, cada uma com suas características bem distintas, mas tão essenciais e importantes na minha vida. As duas me recebendo em suas vidas e me incluindo em suas famílias. Com a Cátia um tempo maior de amizade, com a Ju um tempo menor, mas com a mesma intensidade. Suas disponibilidades, incentivos e disposição para resolverem meus problemas com a mídia foi fundamental.

Aos idosos que participaram da pesquisa, meu carinho e respeito, sem eles nada seria possível, as Instituições que permitiram a sua realização e em especial a Sulanita, que viu iniciar e acompanha minha caminhada acadêmica.

Ao professor Doll que há tanto tempo admiro e que tão gentilmente aceitou meu convite de participar deste trabalho e ao professor Marco que tão afetuosamente me recebeu no grupo de estudos do GEPEG, lá em meados de 2012 e da UFSM não mais me afastei.

Por fim, a minha mestra, minha orientadora, professora Elenir, que cuidou do meu saber e de tudo que eu fiz, com tanto esmero e dedicação, cada palavra, cada vírgula, sempre com uma palavra de incentivo e paciência. Eu chegava de viagem para as orientações, muitas vezes aflita com o que poderia ser, mas ao vê-la meu coração se acalmava e ao retornar para casa ia repleta de entusiasmo. A senhora foi meu porto seguro, me acolhendo nas dificuldades e principalmente soube muito bem me definir e por tanto me entender. Se hoje concretizo uma etapa, devo muito a sua confiança em mim, muito obrigada por todo carinho, dedicação e exemplo, tenho muito orgulho também de ter lhe conhecido. Muito obrigada!! Muito obrigada!

RESUMO

MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE: UM ESTUDO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS

AUTORA: Izabel Cristina Pinheiro Laguna
ORIENTADOR: Elenir Fedosse

Esta pesquisa analisa a repercussão da utilização da música nas condições cognitivas e afetivas produzidas em grupos de (con) vivência de idosos institucionalizados e não institucionalizados, na cidade de Pelotas/RS. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida junto a um Grupo de residentes em uma Instituição de Longa Permanência de Idosos e a outro grupo de idosos participantes de uma Oficina de Incentivo Cognitivo, tendo a música como principal elemento de trabalho. Foram realizados oito encontros de uma hora e meia com cada grupo, com periodicidade semanal, no período de outubro a dezembro de 2016. Os encontros foram gravados em vídeo e transcritos ortograficamente, a partir dos quais foram identificadas e descritas as ocorrências cognitivas (atenção/concentração, percepção/gnosias, memórias, praxias/motricidades geral e fina, linguagens [verbal e não verbais], raciocínio) e afetivo-emocionais, presentes em diferentes momentos das oficinas. Os resultados dos grupos participantes foram analisados e separados microgeneticamente. Constatou-se que o grupo de idosos institucionalizados necessitou de mediação para realizar as tarefas propostas; tais idosos beneficiaram-se das atividades, melhorando o entrosamento entre eles e a mediadora, a atenção/concentração, a verbalização e autonomia, bem como perceberam a carência de atividades cognitivas e afetivas sistemáticas, como as desenvolvidas neste estudo. Os idosos não institucionalizados cumpriram imediatamente as propostas, reconhecendo o valor do trabalho com músicas no que tange a interação, recordação e demais aspectos cognitivo-emocionais. Portanto, ficou evidente a validade e a valorização do trabalho com música em ambos os grupos. Destaca-se que a regularidade e os temas/conteúdos musicais abordados nos encontros foi um fator organizador da expectativa e qualidade de vida dos idosos envolvidos.

Palavras-chave: Música. Cognição. Afetividade. Instituição de Longa Permanência de Idosos. Envelhecimento Ativo.

ABSTRACT

MUSIC, COGNITION AND AFFECTIVITY: A STUDY TOGETHER TO INSTITUTIONALIZED ELDERLY AND NO INSTITUTIONALIZED

AUTHOR: Izabel Cristina Pinheiro Laguna
ADVISOR: Elenir Fedosse

This research analyzes the repercussion of the use of the music in the cognitive and affective conditions produced in groups (con) existence of institutionalized elderly' and no institutionalized, in the city of Pelotas/RS. It is a research of qualitative nature, developed a Group of residents together in an Institution of Long Permanence of Elderly and to participant elderly' of other group a Workshop of Cognitive Incentive, having the music as main work element. Were accomplished eight encounters an hour and a half with each group, with weekly periodicity, in the period of october to december of 2016. The encounters were recorded in video and transcribed orthographically, starting from which were identified and described the cognitive (attention/concentration, perception/*gnosias*, memoirs, general and fine *praxias*/motricitys, languages [verbal and no verbal], reasoning) and affective-emotional occurrences, presents in different moments of the workshops. The results of the participant groups were analyzed and separate microgenetically. It was verified that the institutionalized elderly' group needed of mediation to accomplish the proposed tasks; such a senior ones benefitted of the activities, improving the integration between them and the mediator, the attention/concentration, the verbalization and autonomy, as well as they noticed the lack of cognitive and affective activities systematic, as developed them in this study. The elderly no institutionalized accomplished the proposals immediately, recognizing the value of the work with music with respect to interaction, memory and other cognitive-emotional aspects. Therefore, it was evident the validity and the valorization of the work with music in both groups. It stands out that the regularity and the musical themes/contents approached in the encounters was an organizing factor of the expectation and quality of the involved elderly' life.

Keywords: Music. Cognation. Affectivity. Institution of Long Permanence of Elderly. Active Aging.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos Idosos Institucionalizados 32
Quadro 2 - Experiências prévias dos idosos com música..... 33
Quadro 3 - Caracterização dos idosos não institucionalizados..... 49
Quadro 4 - Experiências prévias dos idosos com música..... 50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CETRES	Centro Extensão e Atenção à Terceira Idade
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI	Instituições de Longa Permanência para Idosos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNI	Política Nacional do Idoso
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELACIONADA À MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE 17
2.1 COGNIÇÃO 17
2.1.1 Atenção 18
2.1.2 Percepção/gnosia 18
2.1.3 Memória 19
2.1.4 Atividade motora/praxia 20
2.1.5 Linguagem 20
2.1.6 Solução de problemas 20
2.2 AFETIVIDADE 21
2.3 MÚSICA 22
3 MATERIAIS E MÉTODOS 26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 32
4.1 ATIVIDADES COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS 32
4.1.1 Condições cognitivas e afetivas dos idosos institucionalizados 34
4.1.2 Resultados dos encontros musicais com idosos institucionalizados 36
4.2 ATIVIDADES COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS 48
4.2.1 Condições cognitivas emocionais dos idosos não institucionalizados ... 50
4.2.2 Resultados dos encontros musicais com idosos não institucionalizados 51
5 CONCLUSÃO 60
REFERÊNCIAS 63
APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS 68
APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTRADA COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS 69
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ... 70
APÊNDICE D - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE 72

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e nacional, resultante da queda da fecundidade e da mortalidade, do avanço tecnológico e, especialmente, na área da saúde vem ocorrendo em ritmo e em momentos históricos diferentes nas diversas partes do mundo. Esse fenômeno caracteriza-se pelo constante aumento da expectativa de vida.

O envelhecimento é um processo e, como tal, um acontecimento permanente, visto que, com o aumento da expectativa de vida, o aumento da população idosa é um marco constante na sociedade, alcançando novas etapas de vida, ocasionado no crescimento significativo do número de idosos. O aumento da população idosa contribui grandemente para a maioria dos elementos que constituem e mantém a sociedade, transformando a sociedade em um meio de trocas, diálogos e ensinamentos sobre a população idosa em seus diferentes olhares e perspectivas.

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas últimas décadas, tem ocorrido além de uma significativa redução no número de crianças e jovens, um aumento importante de idosos, proporcionando uma transição demográfica, modificando a forma da pirâmide etária, que tem agora sua base estreita, composta por jovens, e o topo, que se alarga, representado pelos idosos (IBGE, 2010). A propósito, a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, definem idoso como a pessoa com 60 anos ou mais (BRASIL, 1994; 2003), enquanto que a Organização Mundial da Saúde reconhece como idoso de países desenvolvidos aquele com 65 anos ou mais e, em países em desenvolvimento, aquele com 60 anos ou mais (OMS, 2005).

Sendo o envelhecer um processo permanente, inerente e inevitável, que envolve mudanças: neurobiológicas estruturais, funcionais e químicas, bem como a ação dos fatores ambientais e socioculturais (qualidade e estilo de vida, dieta e atividade física), tem-se apresentado, ao longo da história da humanidade, como uma importante preocupação, seja ligada ao envelhecimento sadio ou patológico do ser humano (NERI, 2001).

Na antiga Roma, Cícero (103-43 a.C.) escreve a obra “Saber Envelhecer e a Amizade”, nela registra a necessidade de o ser humano se preparar para o envelhecimento e de bem conhecer essa fase da vida. Beauvoir, filósofa do século

XX, em outra clássica obra sobre o envelhecimento, afirma que “a velhice não é um fato estático, é o resultado e o prolongamento de um processo” (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

Em 1982, em Viena, ocorreu a 1ª Conferência Mundial do Envelhecimento, chamada pela OMS, onde foi elaborado o Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, destacando ações relacionadas à: a) saúde e nutrição, b) proteção de consumidores idosos, c) habitação e meio ambiente, d) família e bem-estar social, e) segurança de renda, emprego, educação e, ainda, f) ampliação de pesquisas relacionadas ao envelhecimento (ONU, 1982).

Em 1991, a Assembleia Geral da ONU adotou 18 princípios em favor da população idosa, os quais podem ser agrupados em cinco grandes temas: independência, participação, cuidados, auto realização e dignidade (CAMARANO; PASINATO, 2004).

Em 1992, no mesmo contexto - Assembleia Geral da ONU – aprovou-se a Proclamação sobre o Envelhecimento, que estabeleceu o ano de 1999 como o Ano Internacional do Idoso e definiu os parâmetros para o início da elaboração de um marco conceitual sobre a questão do envelhecimento. O *slogan* do Ano Internacional do Idoso foi: “Uma Sociedade para Todas as Idades” (CAMARANO, 2002), propondo quatro dimensões: a) desenvolvimento individual durante toda a vida; b) relações entre várias gerações; c) relação mútua entre envelhecimento da população e desenvolvimento e d) a situação dos idosos. O Ano Internacional contribuiu para a promoção da consciência desses problemas, bem como para a pesquisa e a ação política (criação de políticas públicas), visando o envelhecimento saudável.

> Ao longo da década de 1990, os idosos passaram a ser considerados, também, em outros fóruns das Nações Unidas, como, por exemplo, as conferências mundiais sobre a população, aspectos sociais, gênero, meio ambiente etc. Gradualmente a visão do idoso como um subgrupo populacional vulnerável e dependente foi sendo substituída pela de um segmento populacional ativo e atuante que deve ser incorporado na busca do bem-estar de toda a sociedade (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 265).

Com o acelerado aumento no número de idosos, tanto em países desenvolvidos como nos em desenvolvimento, em 2002, a OMS, chama a 2ª Conferência do Envelhecimento (Conferência de Madri), que em sua Assembleia afirmou a busca pelo envelhecimento ativo, definindo-o como “(...) o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de

melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas" (OMS, 2005, p.13).

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Essa noção supõe que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, o envelhecimento ativo requer proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2005).

Pesquisas atuais, mais envolvidas com a saúde humana, têm focalizado o envelhecimento, considerando que, ao longo desse processo, perdas e ganhos se apresentam. As perdas podem estar ligadas ao declínio fisiológico natural ou a patologias. Segundo Yassuda e Cachioni (2004, p.111), várias hipóteses:

> (...) versam sobre as alterações neurológicas que ocorrem no envelhecimento, relacionadas à diminuição na velocidade do processamento das informações; alterações cognitivas, como o menor uso de estratégias durante a memorização; e mudanças no estilo de vida do idoso, como a redução nas oportunidades de estimulação cognitiva em virtude da aposentadoria ou do isolamento social.

No que tange aos ganhos, Jorge (2005), ao estudar o processo de envelhecimento feminino (mulheres na maturidade), afirma que existem ganhos/aquisições subjetivos, ou seja, as mudanças e transformações que ocorrem, incluindo as perdas físicas, cognitivas e sociais, podem produzir novas emoções e sentimentos. A propósito, destaca-se a fala de uma de suas entrevistadas que bem representa os ganhos adquiridos ao longo da vida:

> A cabeça... pode ser que quando a gente tenha mais idade, pode ser que dê esclerose, como a gente vê com as pessoas mais idosas. Mas com 40, 50 e 60 anos, você está sempre ganhando. É mais uma troca, você vai vivendo, o tempo vai passando, você vai adquirindo mais conhecimento, vai aprendendo mais. E o que você ganha na cabeça vai perdendo no corpo. Se a gente tivesse 15 anos com a cabeça que a gente tem hoje, seria maravilhoso! (E. M. F., 52 anos) (JORGE, 2005, p. 52).

Segundo o autor, a maior divulgação dos resultados de estudos relacionados ao envelhecimento e também o progressivo aumento do número de pessoas velhas ativas contribui, de maneira positiva, para a mudança na percepção de velhice e na atitude em relação aos velhos (JORGE, 2005).

Schneider (2006) refere que os estudos das variações no desempenho cognitivo ao longo da vida apontam que, com o aumento da idade, as pessoas apresentam declínios na velocidade do processamento cognitivo e na capacidade da memória de trabalho. No entanto, referem que o aumento da idade também está relacionado a um acréscimo de conhecimento e experiência, fatos que permitem que adultos mais velhos compensem as possíveis perdas cognitivas.

Sabe-se que as perdas ou as possibilidades delas no envelhecimento requerem atenção profissional – da saúde e de outros setores da sociedade contemporânea – visto que se tem a clareza de que intervenções, especialmente do setor saúde e da assistência social, devam responder às necessidades da crescente população de idosos. Nesse sentido, evidenciam-se diferentes propostas de serviços e ações voltadas a idosos residentes em seus lares e/ou em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI[1]).

O surgimento das instituições para idosos não é recente, tendo, historicamente, se fundamentado na caridade e no atendimento básico às necessidades de vida, como ter onde se alimentar, banhar-se e dormir; tais instituições eram destinadas ao amparo aos sem família, pobres e mentalmente enfermos. No caso das ILPI, a identidade que se manifestou em seu período inicial também estava relacionada à caridade, em uma perspectiva assistencialista que determinava a homogeneização dos velhos, a percepção da velhice como degeneração e decadência e a infantilização do idoso (CREUTZBERG; GONÇALVES; SOBBOTKA, 2008).

O cristianismo foi pioneiro no amparo aos velhos; há registros de que o primeiro asilo foi fundado pelo Papa Pelágio II (520-590 d.C.), que transformou a sua casa em um hospital para velhos (ALCANTARA, 2004). A história da institucionalização de idosos assemelha-se a de hospitais, dado que, em seu início, ambos abrigavam pessoas em situação de pobreza e exclusão social.

No Brasil, o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada, criado em 1890, no Rio de Janeiro, foi a primeira instituição para idosos (GROISMAN, 1999). A instituição era um mundo à parte e ingressar nela significava romper com laços familiares e com a sociedade (BORN, 2002).

---

[1] Denominação sugerida pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) no intuito de que tais instituições façam parte não só da rede de assistência social, mas também da rede de saúde que prestam serviços e atenção aos idosos (CAMARANO, 2010).

O isolamento social na velhice tende a ser uma das maiores preocupações dos especialistas da área, pois o isolamento do adolescente por si só já é bastante preocupante e gera inúmeros problemas e traumas e, no entanto, o isolamento do idoso, que já vem seguido de toda a sua bagagem de experiências sociais e afetivas, acarreta em uma preocupação maior, visto que o isolamento pode promover a solidão. Segundo Monteiro e Neto (2008), a solidão relaciona-se com aspectos qualitativos. Tais autores, apoiados em Weiss (1973), sugerem que a solidão é

> Um sentimento que consiste no isolamento emocional que resulta da perda ou inexistência de laços íntimos e do isolamento social, com a consequente ausência de uma rede social com os seus pares (MONTEIRO; NETO, 2008, p. 87).

Os autores acima, agora apoiados em Jong-Gierveld & Raasdschelders (1982), destacam que, por outro lado, os idosos podem ter uma rede social extensa e sentirem-se sós, se ela não corresponder às suas necessidades (MONTEIRO; NETO, 2008).

Em relação ao isolamento, Maia (2002, p. 216 apud FREITAS, 2011) refere que "o significado vulgar de isolamento remete para afastamento" e esse pode ser físico (indivíduo que vive afastado de alguém ou de algo) ou psicológico (estado psíquico de um indivíduo que se sente moralmente só ou perdido). Com isso, as mais variadas situações podem influenciar o idoso ao isolamento, fazendo dele um hábito e, consequentemente, um ato totalmente prejudicial a sua saúde.

Estudos sobre a velhice indicam que o sentimento de solidão acompanha tanto idosos institucionalizados, quanto os não. Russel (2004), citado por Fernandes (2007 apud AZEREDO; AFONSO, 2016) e Neto (1989 apud AZEREDO; AFONSO, 2016), afirma que a solidão é uma queixa muito frequente entre a população idosa, podendo ter como causa: a viuvez, a saída dos filhos para o mercado de emprego ou a aposentadoria (nesta situação, a solidão pode contribuir para uma institucionalização precoce). Para Pocinho, Farate e Dias (2010 apud AZEREDO; AFONSO, 2016), a solidão é uma condição afetiva adversa que pode ser acompanhada por dificuldades cognitivas e circunstâncias de vida desfavoráveis. Nos idosos, a solidão é apontada como um dos fatores desencadeantes da institucionalização.

A institucionalização, conforme anunciada anteriormente, configura-se como um tema importante, em alguns casos, representam um espaço de proteção e

acolhimento daqueles que não tiveram família – um lugar continuar a vida. Neri (2007, p. 175) afirma que

> [...] morar numa instituição fora do contexto familiar pode gerar sentimentos de desamparo e abandono, principalmente, em se tratando de pessoas que vivem a última fase da vida. Residir numa instituição significa abandonar o lugar idealizado de amparo e aconchego, ou seja, a família.

Entende-se que, no Brasil, o cuidado dispensado ao idoso, na perspectiva do envelhecimento saudável e, sobretudo, ativo é recente e, ainda, insipiente. As políticas voltadas para o bem-estar dos idosos são relativamente novas e, muitas vezes, ainda em fase de projetos, embora muitos desses já tenham sido transformados em normativas ou leis, fatos que vem contribuindo para a melhoria da saúde dos idosos. Por outro lado, sabe-se também que os idosos, por si só, juntamente com suas famílias ou com seus grupos sociais, criam estratégias individualizadas/pessoais de cuidado. O idoso cuida de si baseado em suas concepções e conhecimentos advindos de sua história e cultura.

Para Boff (1999), o cuidado constitui-se preceito básico para existência humana, visto que o homem só existe e se edifica se passar por situações de cuidado. Segundo este autor: “(...) cuidar é mais do que ato, é atitude (...). Vai além de um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33).

Ao longo da história, o cuidado com pessoas com alguma incapacidade funcional ou dependência se desenvolveu nos espaços privados dos domicílios, geralmente por familiares (OMS, 2005). Entretanto, nas últimas décadas, esse cuidado foi se mostrando cada vez mais difícil, já que aconteceu uma mudança na conformação das famílias, o ingresso da mulher (a cuidadora familiar de eleição) no mercado de trabalho. Assim, o Estado, as instituições privadas e filantrópicas passaram a dividir com a família a responsabilidade pelo cuidado com essa população (DEBERT, 2012).

Considerando a prática profissional da autora da presente dissertação, assim como de sua orientadora, pode-se afirmar que, no Brasil, há carência de serviços, ações e recursos materiais para o cuidado de idosos, incluindo atividades terapêuticas (dispendiosas ou não). Com isso, a falta de recursos que respondam às necessidades da população idosa emerge da ineficiente (porque não dizer

incompetente) aplicação das políticas públicas para os idosos. A propósito, a efetivação das políticas públicas exige diálogo com essa parcela da população que poderia, muito mais do que se constata, contribuir grandemente para a formação ética, moral e social da sociedade brasileira, ou seja, contribuir no processo de cidadania da população em geral.

No rol das atividades terapêuticas não dispendiosas, destaca-se o trabalho com música. A música se apresenta como um instrumento/meio acessível: é possível produzir som/música, por exemplo, tamborilando em uma caixa de fósforos, batendo-se cadenciadamente as mãos e estas sobre as pernas, por exemplo. A música traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento de todas as habilidades do ser humano, uma vez que possibilita não somente o desenvolvimento das habilidades motoras e psíquicas, mas também, promove o diálogo e a interação entre as pessoas, no caso deste estudo entre os idosos, possibilitando que entrem em contato com outras pessoas, exercitando o diálogo e, consequentemente, ampliando e/ou atualizando as conexões corporais, cognitivas e afetivas.

Caramelli (2010), neurocientista brasileiro, em entrevista, divulgada em mídia eletrônica, destaca que idosos institucionalizados ou não, necessitam de vivências significativas, sendo que as

> (...) atividades mentais, sem dúvida, são benéficas. Há estudos que mostram que ler, tocar um instrumento musical, jogar xadrez ou qualquer jogo de estratégia, são exemplos de atividades intelectuais que mobilizam positivamente o cérebro e têm um efeito protetor. Minha recomendação é fazer essas atividades que mobilizem o cérebro, e atividades sociais também. A atividade intelectual em grupo pode aumentar os benefícios (grifos nossos) (CARAMELLI, 2010).

Verifica-se, portanto, uma maior compreensão da relação entre processos cognitivos e relações sociais, entre elas, as possibilitadas pelas percepções auditivas (linguagem oral e/ou outro processo semiótico – a linguagem musical).

A neurociência da música tem trazido uma série de contribuições para o entendimento dos seus impactos no funcionamento do cérebro humano (PERETZ; ZATORRE, 2004). A música possibilita o acesso aos mais diferentes estados, conexões e entendimentos; a integração de áreas corticais do cérebro como sistema límbico (responsável pelas emoções) revela que o processamento musical é influenciado pela emoção (PERETZ; ZATORRE, 2005; ROCHA; BOGGIO, 2013; SACKS, 2007).

Pelas considerações acima, esta dissertação procurou responder às seguintes perguntas: um trabalho com música, desenvolvido junto a idosos institucionalizados e não institucionalizados, produziria aprimoramento de suas condições cognitivas e afetivo-emocionais? A música seria uma ferramenta para a reabilitação de idosos com comprometimento neurológico? Idosos, com ou sem história íntima com a música ao longo de suas vidas, servir-se-iam de um investimento musical na sua atual condição de vida – idade e local de moradia?

O objetivo geral desta pesquisa foi, então, analisar a repercussão da utilização da música nas condições cognitivas e afetivas produzidas em um grupo de idosos institucionalizados (ativos e frágeis) - constituídos, pela autora desta dissertação, como grupo de convivência e terapêutico - e em um grupo de convivência de idosos ativos que buscaram voluntariamente participar de uma Oficina de Memória com destaque à atividades musicais, ofertada por um centro de convivência, do município de Pelotas/RS.

Teve como objetivos específicos:

a) identificar as condições sócio demográficas, econômicas, cognitivas e afetivas dos idosos institucionalizados e dos não institucionalizados;
b) identificar a história de envolvimento dos idosos com a música ao longo de suas vidas;
c) discutir a repercussão das atividades com música desenvolvidas, individual e coletivamente, destacando-se os aspectos cognitivos e afetivo-emocionais mobilizados;
d) analisar, por meio de depoimento e/ou comentários, a repercussão do trabalho com música em suas condições/estados atuais de vida.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, incluindo esta Introdução. O segundo capítulo ocupa-se em apresentar e discutir os aspectos relacionados à cognição, emoção e linguagem musical. O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa; o quarto - Resultados e Discussão – apresenta e analisa a repercussão do trabalho com música. O quinto capítulo refere-se à conclusão da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELACIONADA À MÚSICA, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE

2.1 COGNIÇÃO

Estudiosos russos com interesse no funcionamento cognitivo (condição eminentemente humana) destacam-no enquanto parte de uma realidade histórica e cultural específica. Vygotski, Luria e Leontiev (2010), por exemplo, centrados na psicologia cognitiva (percepção/gnosia, memória, atenção, solução de problemas, linguagem e atividade motora/praxia) estudaram os processos neurofisiológicos, as relações entre o funcionamento intelectual e a cultura da qual os sujeitos fazem parte, investigando, sobretudo, temas da psicologia do desenvolvimento e as relações entre linguagem e pensamento.

Segundo Fedosse (2000), assentado nos pressupostos de Anokin (1935), Bernstein (1936, 1947, 1967) e Vygotski (1930, 1934, 1956), explicou, de forma mais abrangente, a organização estrutural e a fisiologia do cérebro e dos processos cognitivos por meio da noção de Sistema Funcional Complexo. Para Luria (1981), *grosso modo*, a neurofisiologia cerebral encontra-se organizada em três unidades funcionais: uma rede neural “não específica”, localizada principalmente no tronco cerebral, diencéfalo e regiões mediais do córtex, que tem como função regular o tônus e o estado de sono e vigília. A segunda unidade funcional é caracterizada como uma área de grande especialidade modal - composta por uma rede de neurônios isolados situados nas regiões laterais do neocortexocciptal (especialidade visual), temporal (especialidade auditiva) e parietal (especialidade sensorial geral). A função dessa rede é a de receber, processar e armazenar as informações provenientes do mundo exterior. A terceira unidade é representada por sistemas que se localizam nas regiões anteriores de ambos os hemisférios cerebrais (anteriormente ao giro pré-central), sendo responsável pela programação, regulação e verificação das atividades conscientes (processos cognitivos ou formas complexas de atividade mental) do homem.

Luria (1981) explica que tais processos (atenção, percepção, memória, praxia, linguagem verbal e pensamento) formaram-se ao longo de um processo histórico, configurando-se, pois, como uma atividade social em sua origem, complexa e hierárquica em sua estrutura.

Nesses termos, pode-se afirmar que o ser humano não se restringe às condições de simplesmente responder ao vivido por meio de reflexos, mas por estabelecer conexões entre as diversas estimulações que recebe nos variados momentos de sua vida. Assim é que constitui a sua cognição, agindo e interpretando fatos do mundo intra e extra mental. Em outras palavras, é no vivido que os sujeitos inserem mudanças no ambiente (que emergem do seu próprio comportamento) e tais mudanças influenciam, por sua vez, o desenvolvimento de seu comportamento (LURIA, 1981).

Convém, aqui, tecer breves considerações acerca de cada processo cognitivo, visto serem importantes para compreender o que se pretende com esta dissertação: analisar a repercussão do trabalho com música na cognição e na afetividade de idosos institucionalizados e não institucionalizados.

2.1.1 Atenção

Toda atividade mental humana organizada possui algum grau de direção e seletividade. Para Luria (1979), a atenção implica: a) a seleção da informação necessária; b) o asseguramento dos programas seletivos de ação; e c) a manutenção de um controle permanente sobre as informações (auditivas, visuais, táteis, gustativas, viscerais, por exemplo) que ocorrem a todo tempo e simultaneamente.

Portanto, a atenção tem caráter seletivo; manifesta-se igualmente nas percepções, nos processos motores e no pensamento. Se não houvesse essa seletividade, a quantidade de informações não selecionadas seria tão grande e desorganizada de modo que nenhuma atividade seria possível de ser realizada. Se não houvesse inibição de todas as associações que afloram descontroladamente, seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem (LURIA, 1979).

2.1.2 Percepção/gnosia

A sensação e a percepção constituem a base para a formação do conhecimento humano acerca do mundo externo e interno; ambas ocorrem pelos órgãos do sentido (visual, auditivo, tátil, gustativo, olfativo).

Para Luria (1979), as sensações representam os principais canais por onde a informação, relativa aos fenômenos do mundo exterior e ao estado do organismo, chegam ao cérebro, permitindo, assim, as percepções – entendidas como: a compreensão do homem sobre o meio ambiente e o seu próprio corpo. Sem as percepções (se esses canais estivessem fechados e os órgãos dos sentidos não fornecessem informações necessárias), nenhuma atividade consciente seria possível.

2.1.3 Memória

Segundo Luria (1979), as leis da memória humana são múltiplas e complexas; cada deslocamento, impressão ou movimento do ser humano deixa rastro (memórias) e, por conseguinte, se mantém durante um tempo demasiado longo e, em certas ocasiões, vem à tona e torna-se ativo novamente na consciência.

> Os fenômenos da memória podem pertencer igualmente ao campo das emoções e ao campo das percepções, ao reforço dos processos motores e da experiência intelectual. Todo o reforço dos conhecimentos e habilidades e a capacidade de aproveitá-los pertencem à área da memória (LURIA, 1979, p. 39).

A questão do declínio cognitivo, especialmente da memória, ocupa destaque no envelhecimento. Izquierdo (2002, p. 16) esclarece que o processo de memorização dos humanos e dos animais provém de experiências: “Por isto, é mais sensato falar em ‘memórias’ e não em ‘memória’, já que há tantas memórias possíveis quanto forem as experiências possíveis. (...) somos aquilo que recordamos”. Assim, cada ser é único resultante e dependente de suas memórias.

As memórias estão diretamente ligadas às emoções ou aos sentidos dados ao vivido (IZQUIERDO, 2002). A propósito, as emoções (afetos) referem sentimentos que envolvem avaliação subjetiva, processos fisiológicos e crenças cognitivas; são respostas imediatas a eventos ambientais (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 315). Maturana (2009, p. 22), neurocientista chileno, expõe o entrelaçamento do emocionar e da linguagem, exercício do humano em diferentes contextos (familiares ou institucionais): “Não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato”.

2.1.4 Atividade motora/praxia

A atividade motora/praxia corresponde à realização de gestos (movimentos paras cumprir um determinado fim) coordenados e eficazes. O termo práxis diz respeito à prática (um conceito utilizado em oposição ao de teoria). Praxis costuma ser usado para fazer alusão ao processo pelo qual uma teoria passa a fazer parte da experiência vivida. A práxis é considerada uma etapa necessária na construção de conhecimento válido. Para Luria (1981, p. 22):

> O movimento voluntário (praxia) constitui um sistema funcional complexo que incorpora inúmeras condições ou fatores dependentes do funcionamento em conserto de todo um grupo de zonas corticais e estruturas subcorticais, cada uma das quais dá a sua contribuição peculiar para a realização do movimento e contribui com o seu fator peculiar para a estrutura do referido movimento.

2.1.5 Linguagem

A linguagem é possivelmente uma das características mais típicas da espécie humana; distingue e demarca a condição humana dos seres vivos. Diferentemente da expressão dos animais, a linguagem não é apenas um sistema de sons, mas também de símbolos e gestos (LIMA, 2000).

Fedosse (2000) refere, assentada no postulado vygotskyano, que a linguagem participa, direta ou indiretamente, da organização e funcionamento de todos os processos cognitivos. A linguagem é uma atividade eminentemente humana e semiótica (de significação). Nos termos da autora, a linguagem consiste no uso de um sistema de signos (língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe uma função simbólica e um complexo de órgãos especializados, é um processo que permite a comunicação intra e interpessoal, regula a atividade mental de um modo geral, bem como os demais processos e, talvez por ela desempenhar o papel regulador, não é dado de antemão por condições biológicas ou sociais exclusivas, mas sim da interação de ambas.

2.1.6 Solução de problemas

Luria (1979) afirma que o pensamento humano é também uma forma específica de atividade produtiva; permite não apenas ordenar, analisar e sintetizar a informação,

relacionar os fatos percebidos a determinadas categorias, mas também ultrapassar os limites da informação imediatamente recebida, fazer conclusões e, a partir deles, chegar a certas inferências mesmo sem dispor de fatos imediatos e partindo da informação recebida. O homem pensante é capaz de raciocinar e resolver tarefas lógicas, sem incluir o processo de solução na atividade prática, tudo isso sugere que o processo de pensamento pode ser uma atividade teórica especial que leva a novas conclusões e, assim tem caráter produtivo.

Para Schneider (2006), a resolução de problemas, pode ser definida como um processo no qual um conjunto de procedimentos é empregado visando extinguir barreiras na busca de atingir um objetivo.

2.2 AFETIVIDADE

A definição da Psicologia sobre afetividade diz dela ser um conjunto de fenômenos psíquicos experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos. A afetividade nada mais é do que a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (exercida por todos estes fenômenos no íntimo de cada indivíduo).

Wallon - filósofo, médico e psicólogo francês – foi um dos principais teóricos das emoções; defende que o processo de evolução humana depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto das do ambiente. O ser humano nasce de um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam (GALVÃO, 1995).

Segundo Galvão (1995), Wallon discorre sobre três manifestações da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Essas manifestações surgem durante toda vida. A emoção é a primeira expressão da afetividade, ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. O sentimento, por sua vez, já tem um caráter mais cognitivo, ele é a representação da sensação e surge nos momentos em que a pessoa já consegue falar sobre o que lhe afeta. Já a paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo, ela se manifesta quando o sujeito domina o medo. Pelo fato de ser mais visível que as outras duas manifestações, a emoção é tida, por Wallon, como a forma mais expressiva da afetividade (GALVÃO, 1995).

2.3 MÚSICA

Para Souza (2013), a música, anterior a qualquer possibilidade de definição, é resultante da inteligência do homem. Palavra de origem grega – a arte das musas – que combina sons e silêncios, propiciando uma forma de combinação sem precedentes. O criar e o recriar musical têm como elementos primordiais o pensar e o sentir humano, estabelecidos em ritmos, melodias e harmonias e, com isso, revela a fusão da razão e da emoção.

A música demonstra a capacidade de criação e recriação das pessoas, o que pode ser produzido por meio dela e até mesmo o que ela provoca, é uma via de mão dupla. É uma ligação da superfície à profundidade em nós mesmos; é um canal de comunicação direto, de nossos sentimentos e expressões, estabelecendo nossas diferenças e semelhanças com o outro.

Souza (2013) também explica que a música faz com que se comunique mesmo quando isso se torna difícil frente às diferenças culturais; é por ela e com ela que, muitas vezes, pode-se entender o modo de ser de um povo ou de um sujeito. A música reflete o que se conserva na memória e consegue resgatar reminiscências, reestruturando a história coletiva e individual.

Segundo Ilari (2003), educadora musical, o primeiro contato do ser humano coma música acontece mesmo antes de nascer, na sua vida intrauterina, ao ouvir os batimentos cardíacos da mãe mais compassados e mais lento que o seu. Nessa fase da vida, o feto toma contato com um dos elementos fundamentais da música - o ritmo - e, por isso, pode se afirmar que dificilmente uma pessoa não vivencia música no decorrer de sua vida.

A música, junto da linguagem verbal (oral e escrita), é um dos traços exclusivos do humano. Apesar da existência do canto dos pássaros e de alguns tipos de comunicação sonora entre primatas e baleias, por exemplo, nenhuma espécie possui esses domínios organizados da maneira como os são nos seres humanos (MITHEN, 2005).

Do ponto de vista evolutivo, a música teve papel importante na comunicação de emoções entre os primeiros humanos, ainda sem a linguagem verbal desenvolvida como a que se dispõe atualmente. Foi a partir do rebaixamento da laringe, trazido pelo advento do bipedismo, que nossos ancestrais puderam produzir uma gama de sons, explorando melhor as características sonoras como a prosódia (supra segmento que

dá contorno à articulação verbal – entonação, velocidade e intensidade de fala, entre outros). Desse modo, a música, anterior a estrutura verbal, pode ter contribuído para a comunicação de estados de ânimo dos humanos e também para sua melhor convivência em grupo, ou seja, favorecendo a interação social (MITHEN, 2009).

Note-se que a música, tal como a manutenção da vida e o seu prolongamento (processos cada vez mais longevos), acompanha a humanidade. Registros rupestres incluem-na como parte importante em diferentes momentos e rituais da pré-história (CONSONI, 2009). É, pois, conveniente considerar a música como um instrumento que pode elevar a qualidade da vida humana, não pertence somente àqueles que a praticam ou até mesmo sobrevivem dela, trata-se de um bem comum - de todo ser humano.

Além do acesso e do custo baixo, a música tem a capacidade de gerar percepções auditivas e motoras no cérebro de quem a executa e também no de quem a ouve. Tal fato dá-se por meio do *feedfoward e feedback. Feedfoward* está relacionado à capacidade de a pessoa prever eventos (exemplo – bater os pés enquanto se escuta uma música: percepção de sua regularidade [estímulo auditivo], previsão e sincronização do movimento dos pés com a música [estímulo motor]). *Feedback* relacionado à capacidade de realizar alterações no processo motor a partir da audição de estímulo sonoro, um exemplo disso é o violonista que toca uma nota com a afinação não muito precisa e consegue, a partir do resultado sonoro, realizar modificações nas posições dos dedos, alcançando assim, um resultado preciso na afinação (ROCHA; BOGGIO, 2013).

Sacks (2007), importante neurocientista do século XX, referindo autores que o antecederam (por exemplo, Willian James), afirma que todos os humanos são suscetíveis à música. A música pode acalmar, animar ou consolar, bem como pode ajudar a obter organização ou sincronia quando se trabalha ou se diverte; no caso de pessoas com doenças neurológicas, ela pode ser mais poderosa e, por isso, adquirir papel terapêutico. Essas pessoas podem responder intensamente e de maneira específica à música e, às vezes, a mais nada.

Segundo o autor, a música não tem conceitos, não faz proposições, no entanto, precisa de imagens e símbolos (essências da linguagem). A música não tem poder de representação, não necessita de relação direta com o mundo. Na maioria dos seres humanos, a música desempenha poder, sendo esse almejado ou não pelas pessoas.

O gosto pela música revela-se na primeira infância e manifesta-se essencialmente em todas as culturas; tal fato é entendido, por Sacks (2007), como “musicofilia” - um dado da natureza humana, pois pode ser desenvolvida ou moldada pela cultura em que se está inserida. Ressalta-se que a inspiração do autor advém de Edward O. Wilson[2] que considerou a existência da “biofilia” (condição inata de nossos sentimentos pelos seres vivos). Nos termos de Sacks (2007), a musicofilia pode ser uma forma de biofilia, ou seja, uma das formas de sentir os seres vivos.

Sacks (2007) ainda recorre a Darwin[3] para explicar a importância da música para os humanos. Diante das claras semelhanças entre música e linguagem, segundo o autor, não é de se surpreender com o debate histórico em relação ao surgimento e à evolução da música e da linguagem verbal (qual foi a primeira; evoluíram juntas ou independentemente?). Darwin defendeu, portanto, que a linguagem oral (fala) teria evoluído da música primal:

> Nossos ancestrais semi-humanos usavam tons e ritmos musicais nos períodos de corte, quando todos os tipos de animais excitam-se não só por amor, mas também por intensos arroubos de ciúme, rivalidade e triunfo (SACKS, 2007, p. 7).

Outros autores, referidos por Sacks (2007), são Spencer[4] e Rousseau[5]. O primeiro afirmou que a música teve origem nas cadências da fala emocional e o segundo considerou que a música e a linguagem surgiram juntas e só teriam se separado mais tarde. Steven Pinker[6] dizia:

> Que benefício poderia haver em gastar tempo e energia produzindo ruídos plangentes? [...] no que diz respeito a causas e efeitos biológicos, a música é inútil. [...] poderia desaparecer da nossa espécie e o resto do nosso estilo de vida permaneceria praticamente inalterado (SACKS, 2007, p. 7).

Esse autor ainda afirmava que os humanos são capazes de perceber a música, os tons, o timbre, o intervalo entre notas, os contornos melódicos, a harmonia e, talvez

---

[2] Eduard O. Wilson foi um entomologista americano e biólogo, conhecido por seu trabalho com ecologia.
[3] Charles Robert Darwin - naturalista inglês que desenvolveu a teoria evolutiva -base da moderna teoria sintética: a teoria de seleção natural.
[4] Herbert Spencer (profundo admirador da obra de Charles Darwin) foi um filósofo inglês e um dos representantes do idealismo clássico.
[5] Jean-Jacques Rousseau foi um filósofo social, teórico político e escritor suíço; considerado o mais popular dos filósofos que participou do Iluminismo, movimento intelectual do séc. XVIII. Suas ideias influenciaram a Revolução Francesa.
[6] Steven Pinker é um psicólogo e linguista canadense naturalizado estadunidense da Universidade Harvard, escreve sobre a linguagem e as ciências cognitivas em vários níveis.

no nível mais fundamental, ritmo (SACKS, 2007). Ouvir música não está ligado somente ao sistema auditivo e emocional, mas também faz parte do sistema motor. Pode-se perceber que o corpo acompanha o ritmo da música mesmo se não estiver prestando atenção, ou seja, ouvimos musica também com os músculos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa que se ocupou da análise cognitiva e afetivo emocional de idosos em convivência, ou seja, buscou-se nesta pesquisa conhecer e analisar as manifestações cognitivas e afetivas possibilitadas em situação de encontros permeados por um trabalho com música.

Nos termos de Minayo (2011), pesquisas qualitativas servem para responder questões peculiares, à medida que se preocupa com um nível de realidade que não convém ser quantificado. Ainda, segundo a autora, tais pesquisas tratam de um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço denso das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis Minayo (2011), situações compatíveis a este estudo, a repercussão do trabalho musical na convivência grupal, atividades que envolvem encontro entre pessoas, a audição, a interpretação e/ou a produção de músicas; tais aspectos são, aqui, considerados como altamente subjetivos.

Esta pesquisa envolveu dois grupos de idosos, um grupo que reside em uma ILPI (da cidade de Pelotas/RS) - Asilo de Mendigos de Pelotas -, fundado em 23 de setembro de 1882, que contava com 92 moradores (40 homens e 52 mulheres com 60 anos ou mais) por ocasião da pesquisa, é uma instituição de natureza filantrópica que abriga idosos carentes e recebe doações da comunidade. O outro grupo de idosos participou das atividades semanais em um Centro de Convivência da mesma cidade, este grupo foi constituído pelos frequentadores do Centro Extensão e Atenção à Terceira Idade (CETRES), um Projeto Permanente de Extensão da Universidade Católica de Pelotas, iniciado em 1990, como intervenção comunitária, com objetivo de desenvolver ações educativas e socioculturais para favorecer as condições de saúde/vida de idosos. O Projeto envolve uma equipe multidisciplinar de professores, universitários e voluntários que busca integrar ensino, pesquisa e extensão, as atividades são desenvolvidas sob a forma de Oficinas.

Conforme indicado acima, voltou-se a identificar, descrever e analisar as ocorrências cognitivas - (atenção/concentração, percepções/gnosias, memórias, praxias/motricidade (geral e fina), linguagem (verbal e não verbal) e raciocínio lógico) e afetivo-emocionais - emergentes no trabalho com música (LURIA, 1981; DAMÁSIO, 1996; GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005).

Ressalta-se que a amostra deste estudo foi por conveniência (MALHOTRA, 2012). Segunda Malhotra (2012), nesse tipo de amostra a população é escolhida porque se encontram em um determinado lugar e num momento exato. Assim, a seleção dos idosos participantes ficou a cargo da pesquisadora e também responsável pela intervenção/trabalho com música.

A intervenção foi desenvolvida com dois grupos fechados de idosos, constituídos por, no máximo, 13 sujeitos em cada grupo. Segundo Ribeiro (1995, p. 114) um grupo fechado é “aquele em que os participantes começam e terminam com o grupo [...] os grupos fechados proporcionam um ambiente mais adequado para uma terapia realmente intensa [...]”.

O Grupo de idosos institucionalizados foi constituído a partir de uma conversa com a Assistente Social da ILPI, que colocou a pesquisadora em contato com os prováveis participantes e, inclusive, indicou alguns deles. O convite foi individual e aleatório até se alcançar os treze participantes. No caso do grupo de idosos não institucionalizados, esse já estava constituído em um Centro de Convivência (local de trabalho da pesquisadora) por treze idosos (a propósito, a quantidade de idosos nos grupos foi definida a partir deste).

Convém destacar que se utilizou como único critério de exclusão a condição de idosos acamados da ILPI, visto que dificultaria o acesso à sala das atividades. Critério não necessário junto aos idosos do Centro de Convivência, já que todos se deslocavam ao local espontaneamente.

A coleta de dados iniciou-se anteriormente ao início dos encontros por meio de uma entrevista semiestruturada que abordou aspectos cognitivos, afetivos e de envolvimento dos idosos com a música (Apêndice A e B). Na elaboração da entrevista semiestruturada, foram combinadas perguntas fechadas e abertas, de modo que o entrevistado tinha a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo entrevistador (VICTÓRIA, 2000).

As entrevistas com os idosos de ambos os grupos foram realizadas em encontros individuais, no período que antecedeu ao início do trabalho com música (setembro de 2016). No caso dos idosos institucionalizados, ocorreram em sala da ILPI e com os não institucionalizados, as entrevistas foram realizadas no Centro de Convivência e nos domicílios de alguns idosos, quando não podiam chegar mais cedo ou permanecer após as Oficinas de Memória, realizadas pela pesquisadora.

Os encontros com os dois grupos aconteceram semanalmente, por um período de dois meses (meados de outubro e de dezembro de 2016, totalizando oito encontros), com duração aproximada de uma hora e meia cada.

Outros dados observados, durante os encontros que ocorreram com ambos os grupos de idosos, que não foram ditos, mas constatados, foram registrados no diário de campo. Instrumento de coleta no qual o pesquisador atento e persistente, anota suas percepções, questionamentos e informações, a fim de garantir uma riqueza de detalhes que muitas vezes outros instrumentos utilizados não são capazes de conter (MINAYO, 2011).

Apresenta-se, a seguir, o roteiro de cada encontro:

a) Primeiro encontro:

Após todos reunidos, iniciar-se-á as devidas apresentações e a reafirmação dos objetivos do trabalho com música (para fins desta pesquisa); em seguida será solicitado que se reúnam em grupos de três ou até quatro pessoas e será entregue a cada subgrupo uma tarjeta com uma palavra qualquer e previamente escolhida pela pesquisadora, entre elas: amor, mulher, amigo, saudade, madrugada; e, a partir destas palavras, cada subgrupo deverá pensar em uma música ou trecho, que contenha a palavra recebida e, por fim desta atividade, apresentá-la ao grande grupo.

Esta atividade tem o propósito primeiro de aproximação e interação entre os participantes e é a partir das músicas sugeridas por eles que as atividades dos encontros seguintes terão o seu desenrolar, pois as mesmas serão organizadas e levadas para serem ouvidas e cantadas no início do próximo encontro. Também, será sugerida a realização de uma atividade para ser feita fora do grupo e de forma individual, a saber: lembrança de outras músicas ou trechos de músicas diferentes das apresentadas, mas com as mesmas palavras trabalhadas para apresentarem no próximo encontro do grupo.

b) Segundo encontro:

Neste encontro trabalhar-se-á com a audição das músicas lembradas a partir das palavras recebidas no encontro anterior, objetivando-se a partilha de gostos musicais e a possibilidade de reconhecimento integral ou parcial da música, além da de cantar. Após, será solicitado que cada um dos participantes apresente a música ou o trecho que pensou durante a semana com as mesmas palavras trabalhadas. Note-se que essa atividade tem a intenção de que os idosos trabalhem sozinhos e fora do grupo.

Em seguida, será solicitado que cada um pense em uma letra de música que tenha um nome de mulher. Ainda como atividade do dia, pensando-se nas músicas ouvidas e cantadas, questionar-se-á sobre a(s) forma(s) que tinham, ou ainda têm, de ouvir música.

Como atividade de casa, pedir-se-á para que os idosos se lembrem de outras músicas, diferentes das trabalhadas no grupo, que tenham nome de mulher.

c) Terceiro encontro:

Iniciar-se-á com a apresentação e cantoria das músicas ou trechos com nome de mulher. Após esta atividade, será formado um círculo com todos os participantes para realização de audição musical acompanhada de atividade prática. Será usada uma bola inflável, de tamanho médio, a ser passada de mão em mão, enquanto uma das músicas anteriormente trabalhadas será tocada intermitentemente; quando silenciada, quem estiver com a bola deverá continuar cantando a música.

Note-se que o propósito dessa atividade é o de trabalhar atenção auditiva e visual, coordenação motora, memória e linguagem verbal.

Para finalizar o encontro, será solicitada a sugestão de outras músicas que gostem para sejam gravadas e trazidas na próxima semana.

d) Quarto encontro:

Serão apresentadas as músicas sugeridas no encontro anterior para seguirem a audição e cantoria. Em seguida, serão apresentadas clássicas marchinhas de carnaval.

Nesse encontro, continuar-se-á com os objetivos de trabalhar atenção auditiva, memória e linguagem verbal.

e) Quinto encontro:

Neste encontro trabalhar-se-á com a audição das músicas anteriores, agora, também impressas, e a criação individual de uma paródia de uma das músicas trabalhadas.

Tais atividades têm como objetivos a atenção auditiva, memórias, resolução de problemas e criatividade verbal.

f) Sexto encontro:

Será solicitada, como atividade da próxima semana, que os idosos pensem em uma música que tenham significado para eles, ou seja, uma música que ao ouvirem-na, lembrem-se imediatamente de um fato importante da vida – “a música da vida”, tendo-se como objetivo a socialização entre os idosos e a recordação/memórias.

Em seguida, serão apresentas as paródias elaboradas pelos idosos, com o objetivo de socialização das formas de solucionar problemas e criatividade verbal.

g) Sétimo encontro:

Neste encontro serão apresentadas as “músicas da vida” de cada um (inclusive da pesquisadora), com a socialização das razões de sua escolha, com os propósitos, anteriormente descritos.

h) Oitavo encontro:

Neste último encontro, continuar-se-á com a apresentação das “músicas da vida” e, por fim, será realizada a avaliação do trabalho desenvolvido.

Na análise dos dados (da entrevista semiestruturada e dos encontros) foi realizada uma análise micro genética, aquela que envolve o acompanhamento minucioso de um processo, detalhando-se as ações dos sujeitos e as relações interpessoais, no interior de um espaço e de um período. Ela se constituiu como uma abordagem metodológica de construção de dados que requer a atenção aos detalhes, recorte de episódios interativos, relato pormenorizado dos acontecimentos obtidos pelo uso de filmagens, posterior transcrição e análise segundo os pressupostos teóricos adotados em uma determinada pesquisa (GÓES, 2000).

Seguindo os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos, a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para sua execução, em 21 de setembro de 2016, e recebeu o número de parecer consubstanciado 1.738.681.

Torna-se importante ressaltar que os participantes da pesquisa foram informados sobre os objetivos, bem como sobre os principais aspectos avaliados, de como seria a análise dos dados e os produtos para publicação. Todos foram convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C), em duas vias (uma que ficou em posse do participante e outra da pesquisadora).

O sigilo foi assegurado aos idosos e às instituições; para transcrição das falas, os idosos serão identificados por letras maiúsculas. Não houve e nem haverá divulgação de imagens colhidas durante os encontros. As filmagens foram armazenadas em um computador portátil da marca Dell, modelo Inspiron 15, que será formatado após cinco anos. Os demais documentos, TCLE e entrevistas ficaram guardadas na UFSM – Prédio de Apoio, Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1750, sala

10, CEP 97015-372, em armário chaveado, por um período de cinco anos e após serão destruídos, conforme Termo de Confidencialidade (Apêndice D).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados, seguidos das respectivas análises, estão apresentados em duas seções; a primeira, intitulada “Atividades com idosos institucionalizados”, e a segunda “Atividades com idosos não institucionalizados”.

4.1 ATIVIDADES COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

O grupo de idosos institucionalizados foi formado, conforme dito anteriormente, por convite da pesquisadora e com auxílio da Assistente Social da ILPI, até completar o total de 13 participantes. No primeiro dia, todos se fizeram presentes, no entanto, a partir do segundo dia, quatro idosos não quiseram mais participar e, por isso, o grupo ficou constituído por nove idosos. Ressalta-se a desistência de um senhor (porque tinha uma namorada residente na casa e não quis participar); o segundo, no dia dos encontros, passou a sair da ILPI para visitar familiares; o terceiro, ficava na sala das atividades, apenas quando sua irmã (funcionária da ILPI) o levava; e, por fim, uma senhora que gostaria de atividades para dançar e não cantar.

Apresenta-se, no Quadro 1, a caracterização dos idosos institucionalizados.

Quadro 1 - Caracterização dos Idosos Institucionalizados

Sujeito	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Renda
A	M	84	Divorciado	Analfabeto	Agricultor	1 S. M.
B	M	75	Divorciado	Ensino Fundamental	Fotógrafo	1 S. M.
Ce	F	74	Viúva	Ensino Fundamental	Aux. de Enf.	1 S. M.
Cl	F	79	solteira	Ensino Fundamental	Doceira	1 S. M.
E	F	73	Solteira	Ensino Fundamental	Serviços Gerais	1 S. M.
K	M	75	Divorciado	Ensino Fundamental	Vigilante	1 S. M.
FA	M	63	Solteiro	Ensino Fundamental	-	1 S. M.
L	M	73	Divorciado	Ensino Fundamental	Motorista	1 S. M.
T	F	74	Solteira	Ensino Fundamental	-	1 S. M.

Fonte: Da autora (2017).
Legenda: S. M. = Salário Mínimo.

Nota-se que a maioria dos sujeitos foi do sexo masculino, com idade entre 63 e 84 anos (média de idade 74,4 anos de idade); todos os idosos não possuem parceiro(a) fixo(a) (são solteiros (as), divorciados(as) ou viúvos(as)), recebem até um salário mínimo e têm baixa escolaridade.

Conforme dados do IPEA, verificou-se que 10% dos idosos que moram em instituição coletivas[7] são homens com 74 anos de idade e 8% são mulheres nessa mesma idade (CAMARANO, 2002). No Quadro 2 encontram-se dados referentes às experiências prévias, desses idosos, com música, por ocasião do início dos encontros.

Quadro 2 - Experiências prévias dos idosos com música

Sujeito	Apreciação musical	Costume de cantar	Habilidade instrumento	Interesse musical
A	SIM	SIM	SIM	NÃO
B	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
CE	SIM	NÃO	NÃO	SIM
CL	SIM	SIM	SIM	NÃO
E	SIM	NÃO	SIM	NÃO
K	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
FA	SIM	SIM	NÃO	NÃO
L	SIM	SIM	SIM	NÃO
T	SIM	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Da autora (2017).

Todos os sujeitos (100%) referiram gostar de música, no entanto, cinco (56%) informaram que cantam sozinhos, enquanto que os outros (44%), apenas quando estimulados (como no caso dos encontros mediados pela música ou na missa da ILPI). Uma ação especificamente social, cultural e humana se manifesta como canto coral e em distintos aspectos e manifestações se faz presente na maioria das culturas mundiais (VIGOTSKY, 1998).

A maioria (56%) também revelou não ter habilidade de tocar um instrumento musical e tampouco manifestou interesse em possuí-la; apenas um dos sujeitos, Ce manifestou interesse em aprender a tocar um instrumento, este no caso é o que tem o menor tempo dentro da ILPI, os demais residem há mais tempo e correspondem

[7] Além das ILPI, nessas informações estão incluídas, residentes em prisões, hotéis, conventos, seminários etc. Não podem ser apresentadas desagregadas. Isto pode explicar o menor número de pessoas encontradas nas ILPI pela pesquisa IPEA.

aos idosos que comumente aceitam o estigma social, por estarem isolados em um ambiente que, muitas vezes, não escolheram ou não pensaram que um dia poderiam ser para viver sua velhice, além do que se deve considerar a maneira como as instituições desenvolvem as atividades que são oferecidas aos residentes, visto que não existem variações, nem um cuidado em relação às especificidades dos aspectos físicos e intelectuais dos idosos. Tudo isso gera um desinteresse, apatia, sem nada para fazer e um o tempo ocioso que lhes causa uma sensação de abandono, impotência e incapacidade diante da vida (COSTA; MERCADANTE, 2016).

Constatou-se, ainda, que quatro sujeitos tocavam instrumentos no passado, no entanto, referiram que há muito tempo não tocam. A propósito, destaca-se que os sujeitos que tocaram instrumentos no passado, três são oriundos do meio rural, local de comum incidência de cancioneiros regionalista e a utilização da sanfona como instrumento musical, condição que corrobora com (PERES, 2008), cujo ensino da sanfona brasileira, do norte ao sul do Brasil, é eminentemente oral. É transmitido de pai para filho além dos sanfoneiros serem na sua maior parte tocadores “de ouvido”, autodidatas, músicos que não se submeteram a uma instrução teórica ou formal de música.

Quanto às condições cognitivas e afetivas desses idosos, são apresentadas discursivamente na seção que se segue.

4.1.1 Condições cognitivas e afetivas dos idosos institucionalizados

Quatro idosos (B; T; Ce e E) responderam todas as questões da entrevista coerentemente (aqui interpretados como em condições cognitivas e emocionais favoráveis). Enquanto que, em relação aos demais, constatou-se desencontro de informações, fornecidas por eles e pela Assistente Social da ILPI (visto que o acesso aos prontuários de cada um não foi possível) e manifestação incompatível com as situações de entrevista e participação no grupo. Por exemplo, K quando perguntado em que cidade nasceu, respondeu “*Kiev”* (informação incompatível com a cidade de origem). Em relação a outras perguntas, a incoerência manifestada foi a mesma, conforme segue:

- *“Quanto tempo o senhor reside na ILPI?”*

- *“No asilo?”*

(pesquisadora responde positivamente com a cabeça)

- *“Puxa, não tenho ideia. É a terceira vez que eu venho para cá. Duas vezes eu fui expulso e, agora, eu me comportei”.*

K, no entanto, é brasileiro e nunca saiu da ILPI.

Condição semelhante foi verificada em relação a A. Quando perguntado:

- *“O que senhor acha da sua vida aqui?”*

- *“Não é boa”.*

- *“Por que?”*

- *“Porque não é boa. Um dia a comida presta, outro dia não presta. Cozinham abóbora e tiram a casca, botam numa panela de alumínio assim, mexem bem, botam um bocadinho em cada prato. A sorte é que as gurias me dão suco de uva, ou de pêssego, eu compro a bebida e ponho na geladeira. Então, eu tomo uma xícara azul cheia de refrigerante”.*

Essa resposta demonstra indícios de desorganização linguístico-cognitiva, do tipo confabulação[8] (MORATO, 2012).

Outro exemplo é o de CL:

- *“Como que a senhora acha a sua vida aqui no Asilo, o que a senhora pensa dela?”*

- *“Eu penso, trabalhar se tá bom para trabalhar. Eu sou doceira. Pra ir trabalhar no meu trabalho”;*

- *“A senhora está há quanto tempo aqui no Asilo?”*

- *“Ah, quando que fez... vai fazer um ano”;*

- *“Um ano? Não, meses”.*

- *“Quantos meses?”*

- *“Se... sete meses”;*

Note-se que CL não adere ao tópico da conversação, apesar de inicialmente especular (falar em espelho) a pesquisadora (o que a senhora pensa - “eu penso”). Ademais, ela está residindo na ILPI há três anos e 10 meses.

A respeito da diferença das condições cognitivas e emocionais, Caixeta e Ferreira (2009) enfatizam formas diferentes de envelhecimento nos contextos de institucionalização e de não institucionalização. Observaram que idosos institucionalizados possuíam um baixo desempenho cognitivo e funcional, enquanto

---

[8] Segundo Morato (2012), as causas e os mecanismos neurocognitivos da confabulação ainda não estão devidamente elucidados; no entanto, admite-se que a confabulação esteja relacionada com alterações de memória (em especial, com a memória episódica) e com as alterações de consciência.

que idosos que participam de um projeto de incentivo cognitivo (tal como os deste estudo) apresentaram melhor desempenho. Confirmaram, com isso, a importância da realização de atividades para os idosos, especialmente os institucionalizados, que são na maioria das vezes os mais desamparados. No que tange à condição de institucionalizado, todos os sujeitos referiram a ILPI como um local agradável de viver, no entanto, pelas condições de saúde que apresentam muitos não podem sair sozinhos, daí a queixa de “falta de liberdade” (não gostar de sentir preso). Em relação às relações interpessoais (entre eles mesmos), houve relato de surgimento de atritos relativos ao volume da televisão, volume do rádio, modo de falar, mas amenizados com a cessação do evento, no entanto relataram como desagradável na convivência deles na ILPI. A respeito dessa situação, Bessa et al. (2012) referem que, nas ILPI, há uma rotina com muitas regras e horários fixos, sem a possibilidade de auto-organização (diferentemente do que ocorre no ambiente familiar), fato que dificulta a comunicação interpessoal no contexto comunitário e limita a vida social e afetiva.

4.1.2 Resultados dos encontros musicais com idosos institucionalizados

No primeiro dia de atividades com os idosos da ILPI, a pesquisadora encontrou certa dificuldade para começar o grupo no horário marcado, pois, embora já estivessem sido entrevistados e, na ocasião, convidados a participar do grupo e, ainda, relembrados do dia de início das atividades (no dia anterior a pesquisadora esteve na Instituição para lembrá-los), foi preciso chamar cada um e conduzi-los à sala das atividades. Os treze idosos, convidados previamente, estiveram presentes, mas aparentemente apreensivos e quietos (parecendo não saber exatamente o que iria acontecer).

Neste primeiro encontro participaram oito homens e cinco mulheres, sendo um deles com baixa visão (B) e outro (L) com reumatismo gotoso que se locomovia com ajuda de um andador, fato que o fez demorar muito para chegar e sair da sala.

O grupo foi iniciado com nova explicação de como seriam os encontros, ou seja, estabeleceu-se o contrato grupal, esclarecendo-se o tempo de duração da sessão musical, o local, assim como outras informações, no intuito de, naquele momento, deixá-los tranquilos.

Para começaras atividades propriamente ditas, os idosos foram orientados a se reunirem em trios. No entanto, não houve a devida organização e, então, a

pesquisadora organizou os agrupamentos, atitude necessária tanto em relação aos homens quanto às mulheres, pois ninguém tomou a iniciativa de formar o seu grupo.

Note-se a evidente falta de iniciativa dos idosos, atitude comumente relatada no contexto institucional, demonstrativa do que Goffman (2010, p. 24) denomina de “mortificação do eu”, ou seja, uma característica da perda de identidade social que a institucionalização provoca, estipulando os horários, as atividades desenvolvidas no ambiente, entre outros fatores que os tornam passivos.

Depois de formados três trios e um quarteto, foram distribuídas, a cada um dos grupos, uma palavra (amor, saudade, amigo, mulher), a partir da qual deveriam lembrar de letras de músicas que a contivessem e, em seguida, deveriam apresentá-las a todos. Neste momento, a pesquisadora circulou entre os grupos, certificando-se se estavam cumprindo a consigna. Constatou-se que os idosos, de modo geral, conversavam em busca das músicas a serem apresentadas para o grande grupo.

No grande grupo, constatou-se certa inibição que necessitou, mais uma vez, da intervenção da pesquisadora, caracterizada como um apoio, revelado na forma de questionamento sobre o nome da música ou como interprete fato que fez com que começassem a se expor, sem se preocuparem com a afinação ou com suas qualidades vocais. Assim, cantando junto com eles, a atividade transcorreu conforme planejada. Ressalta-se que, além de cantar com os idosos, a pesquisadora anotava as músicas para que fossem gravadas para posterior audição e cantação, nos próximos encontros do grupo, e assim sucessivamente.

Poucos se arriscaram a cantar, apenas Ce e B cantaram; mais observavam uns aos outros do que se entregavam à atividade (cantar); fato que é esperado quanto algo fora ao nosso controle ou domínio acontece ou pela preocupação que muitos têm de não serem ridicularizados ao expressarem seus pensamentos e vontades. A propósito disso, tem-se aqui evidência do que Beauvoir (1990) chama de a invisibilidade do idoso.

Conforme indicado na seção Metodologia, foi solicitada como atividade para casa que cada um pensasse em outra música, diferente das lembradas no grupo, mas que contivessem as palavras sugeridas.

No segundo encontro, o início das atividades foi mais rápido, visto que as mulheres já estavam reunidas, perto do local dos encontros, à espera da pesquisadora. Quanto aos homens, alguns estavam nos corredores e outros no pátio,

necessitando o chamamento dos mesmos, que prontamente se encaminharam para a sala.

Iniciou-se o encontro com a audição das músicas da semana anterior e após este primeiro momento, foi solicitado que cada um dos participantes apresentasse a música ou o trecho da música que pensou durante a semana. No entanto, nenhum idoso trouxe sua música para socializar no grupo. Interpreta-se esta situação como mais um reflexo da pouca iniciativa que, geralmente, caracteriza a condição de institucionalizado (GOFFMAN, 2010).

No entanto, quando tocadas as músicas sugeridas no encontro anterior, constou-se que A (que não sabia a letra completa da música “Amigo” de Roberto Carlos), cantava as silabas finais ou repetia (em ecolalia) a última frase ouvida. Também foram constatados gestos indicativos da letra da música tocada (A coloca a mão no peito, indicando o lugar do coração, quando ouve – “cabeça de homem, mas o coração de menino). E, não canta, mas sacode a cabeça no ritmo da música; Ce canta em baixa intensidade os refrãos; T acompanha o ritmo da música com o pé e a mão, evidenciando-se aqui os movimentos de *feedfoward,* que a música provoca (ROCHA; BOGGIO, 2013).

Continuando as atividades do encontro, foi solicitado que cada um pensasse numa letra de música que contivesse o nome de mulher e, a seguir, aproveitando o tema “mulher” foi pedido que se lembrasse de uma mulher importante em suas vidas e contassem quem era ela, ao grupo. FA que, até então apenas observava as atividades, levanta e mantém o dedo indicador (gesto de que desejava falar e em espera do outro que falava). Quando lhe é possibilitada a fala, ele canta: “fica Jesus mais um pouquinho (...), mas a pastora Dirce Helena (...). Trata-se de um hino de sua Igreja. Sua expressão é de completa satisfação ao responder ao comando da pesquisadora. Mais adiante, FA cita “Antonia” referindo-se à mãe. Emociona-se ao falar dela, recordando-se de que viveu em sua companhia até sua morte, vindo para a ILPI, após tentar morar com irmãs.

K, fala – Fani – referindo *“o amor da minha vida... está no céu... foi minha namorada”*.

L. refere – Tatiana – sua filha. T refere-se à mãe (Maria Ilma) e conta que, com a morte dos pais, muito jovem, foi trazida à ILPI por uma freira.

Cl – refere-se à Zilá como *“uma pratona muito boa que tive”*.

A partir dessa atividade, que se iniciou com uma música, foi possível mobilizar rememorações repletas de emoção, exercício de afetividade (GALVÃO, 1995).

O terceiro encontro iniciou-se com a apresentação das músicas que pensaram ao longo da semana que contivessem o nome de mulher e que fossem diferentes das trabalhadas no encontro anterior.

Esse encontro foi o primeiro em que a atividade solicitada para ser realizada fora do grupo foi executada, mesmo que por apenas Ce e E. Elas trouxeram anotados os nomes das músicas escolhidas, enquanto que os outros remetiam as músicas à medida que iam sendo indagados pela pesquisadora (ora dizendo o nome da música, ora cantarolando trechos). Nesta atividade constatou-se que um ajudou o outro cantando junto a música sugerida, demonstrando interação social e sentimento de pertencimento ao grupo, de modo a se portarem mais a vontade para a atividade proposta. Segundo Zimerman (1995), o grupo se torna um espaço de expressão e troca dialógica.

Ainda com o intuito de alcançar os objetivos desse encontro, que se referem a atenção auditiva, visual, coordenação motora, memória e linguagem verbal, foi proposto a formação de um grande círculo, aproximando um do outro, de tal forma que fosse passado de mão em mão uma bola, enquanto que uma música era tocada, assim quando a música parasse quem estivesse com a ela deveria continuar cantando-a.

A última música a ser tocada foi “Amélia” e a partir dela a roda foi desfeita e surgiu o comentário de como as mulheres tinham mudado desde quando esta letra foi criada. Iniciou-se, então, uma conversa animada, em que todos manifestaram sua opinião sobre a atual condição das mulheres. Falou-se de casamento, namoro, relacionamento, família. Constou-se, neste episódio, que eles puderam falar sobre suas experiências prontamente, manifestaram-se falando de si mesmo, de modo a aprimorar o relacionamento social – assim, o grupo efetivou-se como espaço para socialização de histórias e experiências (ZIMERMAN, 1995).

O quarto encontro iniciou-se já na preparação do equipamento para a audição das músicas, quando K comenta:

- *“Sabe tenho uma cunhada com nome de Izabel, mas não me dou com ela”.*

- *“Por que não?”*

- *“Por que eu teria desencaminhado o marido dela!”*

Todos os presentes riem da colocação de K, na sequência, B sugere:

- *“Aqui no asilo tem umas caixas de som bem grandes, por que a senhora não pede emprestado? Eles emprestam para a professora de dança quando ela vem”.*

B fez referência a elas, pois algumas vezes as que levamos para trabalhar falharam e não eram tão potentes, percebe-se aqui o quanto estão sentindo-se mais à vontade no grupo, contando fatos “pitorescos” demonstrando bom humor e também a evidencia da capacidade de resolução de problemas.

Ao iniciar-se a audição das músicas B canta, E também, FA que tem as pernas e braços cruzados, sacode-se na cadeira e na medida em que as músicas que eles mesmos sugeriram são tocadas, evidencia-se uma interação com ela, que variou pelo gosto musical. A, que é oriundo do meio rural demonstrou conhecer e preferir cantar as músicas sugeridas de cunho regionalista e interiorano, como, por exemplo, “o menino da porteira”. K e B, que provêm de zona urbana, demonstraram preferência por sambas, músicas populares, conseguindo cantar quase todas as músicas e, se não assim, o refrão delas (A praça, O guri, Cadeira de Rodas, Mulheres). Enquanto estas eram tocadas, B acompanhava o ritmo batendo a “bengala” na cadeira, noutro momento, batendo o pé, sacudindo a cabeça, tal qual fez E, Ce. T timidamente mexe os pés e, por vezes, tamborila os dedos contra a mão (demonstrando a ação *feedfoward* que a música provoca, mesmo que não se tenha total conhecimento dela) (ROCHA; BOGGIO, 2013).

Como atividade que se seguiu, foram relembradas músicas de carnaval, mas para iniciar é perguntado:

- *“Vocês gostam de carnaval?”*

Apenas B responde que sim.

Como as músicas foram previamente selecionadas pela pesquisadora, a primeira foi “a canoa não virar, olê, olê, olá, eu chego lá...”, B imediatamente canta e batuca com a bengala na cadeira; K e FA estão de olhos fechados parecendo “dormir”, A apenas escuta, se mantém imóvel, enquanto que E e Ce cantam e balançam o corpo timidamente.

Na sequência: “Cabeleira do Zezé...”, novamente, B bate o pé, bate com a bengala na cadeira, canta; K canta também, respondendo à pergunta que a música faz: *“será que ele é, será que ele é?”: “BIXA”*, e segue cantando enquanto alguns riem. E também canta; L mexe os pés acompanhando o ritmo e assim se seguiu com as músicas “Jardineira”, “Aurora”, “Camisa Listrada”, “Barracão de Zinco”.

Na sequência, encerra-se a audição e pergunta-se:

- *"K o que a audição destas músicas lhe lembrou?"*

- *"De tudo e mais um pouco!"*

- *"Como eram os carnavais?"*

- *"Velhos tempos que não voltam mais..."*

B completa: "*Saudade, lembranças de coisas boas que a gente passou"*.

E concorda, dizendo: *"é verdade!"*

B diz: *"Tinha lança perfume, confete, serpentina, carros alegóricos, tinha os blocos, como 'a máfia do colono', 'a bruxa da várzea', 'entre a cruz e a espada' e, ainda, as escolas de samba[9]"*.

Vocês participavam?

B diz: *"Eu só trabalhava, filmando ou tirando fotos. Eu ia nos clubes, na rua, conheci todos os clubes de Pelotas"*.

Já K: *"Eu ia na rua, fantasiado de mulher".*

E diz: *"Eu ia na rua, mas quando o carnaval era na rua quinze[10] sempre só para assistir eles passarem, no clube não".*

B diz: *"Pelotas chegou a ser a 2ª ou 3ª cidade do carnaval do Brasil, tinha a banda "Aguenta se puder" era do Exército e composta só por instrumentos de sopro".*

E complementa: *"Eles estremeciam o chão!"*

FA neste momento também comenta:

- *"Eu ouvia as músicas no rádio, não gostava de ir na rua, eu gostava mesmo é de ir na igreja, meu pai sim gostava de ir nos bailes de carnaval, mas, depois que casou não foi mais. Parou de ir"*.

Com esse diálogo evidencia-se o exercício vivo da linguagem e das memórias. Conforme dito anteriormente, a linguagem permite a comunicação intra e interpessoal, regula a atividade mental de um modo geral (FEDOSSE, 2000).

Finalizando o encontro, foi solicitado que sugerissem músicas para serem trazidas gravadas, pela pesquisadora, no próximo encontro. As músicas sugeridas foram: Asa Branca; Churrasco e Bom Chimarrão; Mulher, Mulher; O menino da Porteira, Tordilho Negro, Sestear nos Pelegos.

---

[9] Esta referência diz respeito aos blocos" burlescos" que existiam na cidade de Pelotas.

[10]Rua Quinze se refere à Rua Quinze de novembro da cidade de Pelotas, tradicional rua central, na qual ocorriam desfiles de carnaval, que eram muito tradicionais e concorridos na cidade, onde as famílias levavam suas cadeiras para comodamente assistirem.

O quinto encontro, tal como os anteriores, iniciou-se com a audição das músicas propostas pelos idosos no final do encontro anterior, sendo que as mesmas, além de gravadas, foram impressas para que pudessem acompanhá-las, lendo.

A primeira música a ser trabalhada foi a marcha de carnaval “Bandeira Branca”. L sacode o pé; B bate com a mão e sacode o corpo no ritmo da música (neste momento sugere a música “Asa Branca” - fazendo uma referência à cor branca). Nota-se a mobilização da linguagem – uma palavra (num determinado contexto) referida em outro. Portanto, o trabalho com música mostrando-se potente na atualização/categorização semântica.

A próxima música, de Berenice Azambuja, “Churrasco, Bom Chimarrão” sugerida por A, produz nele balançando da cabeça e do corpo, assim como o canto. B também canta, L sacode o corpo. A música seguinte foi a sugerida por K (“mulher, mulher”) que, ao ouvi-la, brinca: “*mulher, três mulher, cinco mulher e dinheiro, faz muito tempo que só vejo nas mãos dos outros”,* o que provoca riso em coro. A propósito, a queixa de K: - “Falta de uma companhia feminina” – remete a uma situação comum nas ILPI, a separação de gêneros (LUNA, 2008).

A próxima música, Gaúcho da Fronteira, leva todos a cantar o refrão - *“vem sestear nos meus pelegos e se tapar com meu pala”* -, acompanhado de movimentos (mais uma vez a evidência do *feedfowark*), a continuidade do oral e do gestual – remetendo ao trabalho linguístico-cognitivo (FEDOSSE, 2000).

Neste momento, a pesquisadora comenta e pergunta: *“estas músicas tradicionalistas lembram o CTG (Centro de Tradições Gaúchas)? Vocês já participaram de algum?”*

A, tomando o turno de fala, disse: “*Sim eu ia nos bailes de CTG. Eu gostava muito de dançar, participava de bombacha, chapéu, eu participei muito”.* B comentou: “*eu participei muito, não teve baile de CTG que eu não tenha ido. Não é meu gosto, mas eu ia, eu sou mais da boemia, eu gosto mais da boemia”.* E, por sua vez, comenta: *“eu só ia em bailes de festas de colônia alemã, eu gosto muito do cantor Sérgio Reis e, então, pede (um pouco fora de ritmo um pouco trocando a letra), a música ‘Menino da Porteira’”*.

Na sequência, outro gênero musical, entra na roda: o samba canção (“o trem das onze” e “saudosa maloca”). B, como sempre, canta, mexe a cabeça, acompanha o ritmo. K, visivelmente descontente com o gênero, olha o relógio e diz que prefere “as gaudérias”.

Foram constatados diferentes gostos musicais, relacionados aos modos de vida – homens do campo, preferindo músicas regionalistas, enquanto que os da cidade, preferindo as boêmias. Evidência da cultura influenciando as escolhas musicais (ILARI, 2006).

A próxima atividade, deste encontro, foi a criação coletiva de uma paródia da música "trem das onze", que deveria ter sido criada individualmente e fora do grupo. Como não trouxeram a atividade, a pesquisadora propôs a criação conjunta. Segue-se a paródia - *ônibus laranjal*[11]:

- *"Não posso dormir nem mais um minuto com esse calor".*

K *sugeriu:*

- "*Sinto muito amor vou ligar o ventilador, moro no laranjal*", e B prosseguiu:

- *"Se eu perder esse ônibus que sai agora às onze horas, só depois da meia-noite" (risos.)*

- *"E, além disso, mulher tem outras coisas, minha mãe falou pra eu não demorar, disse que vai fechar, eu não tenho a chave pra entrar".*

K sugeriu:

- *"Então, vou derrubar cais, cais, cais, cais (risos) eu vou derrubar, eu vou derrubar, cais, cais, cais, cascarigudum..."*

Considerando-se o entusiasmo dos idosos, foi solicitado que criassem, sozinhos, uma paródia de uma música escolhida por eles e que a trouxessem no próximo encontro.

No sexto encontro, de entrada, combinou-se a atividade da próxima semana: trazer para o grupo uma música que tenha um significado para eles (uma música que quando a ouçam, imediatamente, lembram-se do fato), ou seja, solicitou-se o compartilhamento da "música da vida". Em seguida, perguntou-se sobre as paródias musicais.

Ninguém trouxe a tarefa, constatando-se, novamente, a dificuldade dos idosos realizarem uma atividade fora do grupo, possivelmente, por apatia, pela rotina institucional Goffman (2010) que pouco favorece as relações interpessoais, potentes no grupo (ZIMERMAN, 1995).

Seguindo com as atividades, foi entregue, para cada participante, uma tarjeta com uma palavra e solicitado que pensassem em uma música com a referida palavra.

---

[11] Laranjal é um bairro da cidade de Pelotas, cujo acesso por meio de transporte coletivo é restrito.

Salientou-se que quem não soubesse ler, a leitura seria pela pesquisadora. Foi dado um tempo para pensarem e, em seguida, perguntado se todos tinham encontrado uma música.

L disse: *"Eu não quero cantar"*; ao que a pesquisadora reagiu: *"Diga a palavra ou a música que o ajudamos a cantar"*. Mas L manteve-se em silêncio, quando B (que estava ao seu lado) fez o gesto de tocar violão e cantarolou: *"Maria o teu nome principia na palma da minha mão"*.

Reconhecendo que a palavra de L era "Maria", a pesquisadora indaga quem se lembrava de outra música com "Maria".

B, novamente canta: *"Maria Helena és tu mulher..."*.

Como nenhum outro idoso se manifestou, a pesquisadora, afastando-se da atividade, perguntou sobre o que estavam achando dos encontros?

L respondeu:

- *"Muito bom!"*

- *"Por quê? Por que é bom! Vocês já se conheciam antes?"*

E respondeu:

- *"De passagem, pelo corredor e nas festas".*

- *"Vocês têm algum espaço para conversarem ou se encontrarem, fora daqui?"*

E respondeu:

- *"Não... Só quando tem festa lá no refeitório, aí está todo mundo junto".*

- *"Vocês conversam uns com os outros?"*

- *"Muito pouco"*. Respondeu E.

Ce, entra no diálogo, comentando:

- *"Uns dançam também, mas eu queria mesmo era fazer alguma coisa a mais aqui dentro. Eu sempre achei que poderia fazer alguma coisa. Um dia pedi a uma funcionária que queria ajudar, eu tenho saúde, eu vim para cá porque quis. Eu posso trabalhar, varrer o quarto, limpar o chão, lavar uma louça, fazendo essas coisas, mas dizem que não pode, porque as funcionárias ganham um salário para isso e que nós pagamos. Ah! Eu não sei por que, mas, eu queria fazer algo, mas eu queria ajudar as pessoas a fazer alguma coisa. Eu, por exemplo, eu acordo faço minhas coisas, eu bordo, eu queria fazer alguma coisa".*

- *"Aqui tem sala de jogos?"*, Indagou a pesquisadora, obtendo não como resposta, momento em que C complementou:

- *“Aqui deveria ter uma atividade fixa na semana. Tem coisas aqui, mas são as pessoas que vem de fora para fazer. A gente nunca sabe o que vai acontecer. Se tivesse algo fixo, como este aqui da música, a gente se preparava na semana para participar e saberia o que tem para fazer”.*

Esses comentários evidenciam a falta de atividades produtivas na instituição e a vontade dos idosos de manterem uma rotina ativa, como a que tinham antes de entrarem na ILPI. Alguns, de fato, não têm condições físicas ou cognitivas de executarem atividades (como as sugeridas pelas idosas), mas os que as têm não encontram a oportunidade de fazê-las. Neste sentido, Costa e Mercadante (2016) referem que o idoso institucionalizado precisa se adaptar a uma nova forma de viver, condicionada e determinada pelas instituições. O espaço (ILPI), pelo modo como é gerido seu cotidiano, faz os idosos se sentirem como não pertencentes ao ambiente, contrariando o sentido de comunidade. Sendo assim, são muito pertinentes as declarações das idosas, visto que Ce ainda está se adaptando ao novo ambiente (reside há apenas quatro meses na ILPI).

Após essa conversa, o grupo foi encerrado, retomando-se a atividade a ser feita durante a semana.

O sétimo encontro foi iniciado com a pergunta:

- *“Vocês pensaram e trouxeram a ‘música da vida’?”*

C disse que não consegui pensar e os demais ficaram em silêncio, entendido pela pesquisadora como tarefa não realizada. Assim, para que se sentissem mais à vontade em fazê-la, a pesquisadora apresentou a sua música, contou o motivo da escolha e colocou-a para tocar.

Enquanto a música tocava, A batia com as mãos acompanhando o ritmo. B se posicionava com o corpo mais à frente na cadeira entendido como um sinal de atenção e/ou escutar melhor a letra da música.

Ao encerrar, a pesquisadora indagou:

- *“B, o senhor pensou a ‘música da sua vida’?”*

- *“Da minha vida?”*

- *“É”.*

- *“Eu gosto uma do Bruno e Marrone. O Roberto Carlos também canta... é Cavalgada. Tem outra que não sei o nome”.*

- *“Sabe cantar um pedacinho?”*

- *“É aquela que fala: ‘você a coisa mais linda que meus olhos já viram...’”*

Então, a pesquisadora anotou o trecho cantado, para, no próximo encontro, trazer a música na íntegra. Passou a indagar, idoso por idoso, procurando incentivá-los a relacionar músicas com fatos importantes de suas vidas, de tal modo a definir, após negociação, qual seria a música da vida de cada um. A título de exemplo de como foi realizado este incentivo, segue-se a conversa com A.

- *"E o senhor A?"*

- *"Eu?"*

- *"Sim, que música poderia falar um pouco da sua vida?*

- *"Muitas músicas".*

- *"Qual?"*

- *"Deixa eu ver?"*

E, olhando para o chão, como que procurando encontrar uma música que o definia;

- *"Ah, O menino da porteira. Tem o Tordilho Negro".*

- *"E o que elas lembram para o senhor?"*

Fica em silêncio, não responde.

- *"O senhor gosta de 'Tordilho Negro'? O senhor se lembra da letra?"*

- *"Sim lembro".*

- *"Então, cante pra nós".*

A, canta, batendo com as mãos, fazendo ritmo que não é o da música e também não é a letra original. Ele cria uma letra ordenando as peças do que se usa para encilhar um cavalo e, assim, ele mistura letra com experiência de vida. Ele traz suas memórias de vida para dentro de um contexto musical referenciado na música Tordilho Negro.

Nos termos de Souza (2013), o criar e o recriar musical implicam o pensar e o sentir humano, revelando a fusão da razão e da emoção. A música mobiliza a condição de criação e recriação das pessoas. Também, Gomes e Amaral (2012) afirmam que o uso da música favorece os aspectos psicoemocionais dos idosos.

No oitavo encontro, a pesquisadora levou as letras impressas e as músicas gravadas referentes à vida de cada idoso. Mais uma vez, convidou-os à audição e ao canto das mesmas, obtendo participação da maioria dos idosos, que cantaram ou acompanharam as músicas com movimentos corporais.

Por fim, passou-se à avaliação das atividades propostas por meio de uma conversa, quando é perguntado a FA:

- *“FA, o que o senhor achou do trabalho com música?”*

- *“Achei bom?”*

- *“O senhor gostaria de ter cantado outro tipo de música?”*

Fica um pouco em silêncio e A instiga-o:

- *“Canta uma, tu sabes cantar!”*

- *“FA pergunta; posso cantar?”*

- *“Claro que sim”.*

Novamente fica em silêncio, olha para o chão, e começa a canta uma música com “quartel e soldado” e desiste, dizendo que não se lembra. A pesquisadora, então, sugere “marcha soldado”. Todos (K, Ce, E, B e FA) começam a cantar.

A pesquisadora continuou a avaliação:

- *“K, o que o senhor achou da gente se encontrar aqui uma vez por semana?”*

- *“Eu achei bom, a gente poderia fazer mais vezes”.*

- *“O que é isso modificou o dia-a-dia de vocês aqui?”*

Ce diz: - *“Ah! Modificou muito. A gente espera sexta-feira para estar aqui, pra gente se encontrar, é algo diferente, é uma atividade que ocupa a mente”.*

- *“Ce, o que a senhora acha de ter uma atividade com música?”*

- *“Ah eu achei muito bom, gostei muito sempre esperando as sextas-feiras para vir para cá”.*

- *“E a senhora CL?”*

- *“Achei bom, está muito bom”.*

- *“A senhora canta depois que eu vou embora?”*

- *“Eu canto, eu canto lá na sala”.*

- *“E a Sra T?”,* é chamada várias vezes, mas não escuta, não estava olhando para pesquisadora, então CL que estava ao seu lado a toca e mostra que, estava sendo chamada, T se levanta e vem na direção daquela que lhe fala:

- *“O que a senhora achou de cantarmos?”*

Do seu jeito meio “truncado” de falar ela diz:

- *“Gostei, concorda balançando a cabeça”.*

- *“Gostaria que tivesse mais?”*

Novamente concorda balançando a cabeça e emitindo um som afirmativo. Informa que, no dia seguinte, sábado à tarde, ela irá cantar na missa (realizada na capela da ILPI, quando T canta e faz o recolhimento das ofertas, fato que este que foi contado por Ce).

- "B o que o senhor poderia dizer para nós?"

- "Eu me lembrei de uma música agora fácil de cantar".

- "Que música?"

B cantou: "criança feliz" e todos o acompanham; T batendo palmas, CL sacudindo o corpo. Quando acaba a música, B disse:

- "Poderíamos nos encontrar mais vezes, porque essa foi uma forma de acabarmos com 'nossa solidão coletiva', meia hora por semana já seria ótimo. Tomara que continue".

- "Sr L, o que achou dos nossos encontros?"

- "Uma maravilha!"

- "O senhor não faltou nenhum dia, mesmo com dor no pé, caminhando com andador, depois com a cadeira de rodas".

- "É que eu gosto muito de estar aqui".

Apesar de as atividades com música serem apenas realizadas juntamente com a pesquisadora, pode-se dizer, pela avaliação dos idosos, que o trabalho com música, no contexto grupal, possibilitou a mobilização dos diferentes processos cognitivos e, principalmente, o resgate da interação social e do exercício afetivo – uma forma de amenizar a "solidão coletiva".

4.2 ATIVIDADES COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

O grupo de idosos não institucionalizados foi formado, conforme dito anteriormente, por convite da pesquisadora aos participantes da oficina da memória, grupo coordenado pela mesma, em um Centro de Convivência de Idosos da cidade de Pelotas. Participavam da referida oficina 15 pessoas, mas apenas 12 idosos participaram da pesquisa, pois dois não tinham idade igual ou superior a 60 anos e outro, após duas semanas do início das atividades da pesquisa, informou à pesquisadora que não poderia mais comparecer aos encontros.

Apresenta-se, no Quadro 3, a caracterização dos idosos não institucionalizados.

Quadro 3 - Caracterização dos idosos não institucionalizados

Sujeito	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Renda
CL	F	65	Divorciada	Ensino Médio	Comerciária	1 S. M.
CR	F	71	Casada	Ensino Médio	Auxiliar de Enfermagem	1 S. M.
I	F	61	Casada	Ensino Médio	Funcionária Pública Municipal	1 S. M.
JO	F	79	Viúva	Ensino Fundamental	Costureira	1 S.M.
JR	M	76	Casado	Ensino Médio	Funcionário Público Federal	5 S. M.
JU	F	73	Viúva	Ensino Médio	Comerciária	1 S. M.
L	F	64	Casada	Superior incompleto	Comerciária	1 S. M.
M	F	80	Solteira	Ensino Superior	Professora	5 S. M.
SV	F	66	Viúva	Ensino Superior	Funcionária Pública	5 S. M.
W	M	75	Casado	Ensino Superior	Contador	7 S. M.
ZE	F	82	Viúva	Ensino Superior	Professora	8 S. M.
ZU	F	74	Casada	Ensino Superior	Professora	5 S.M.

Fonte: Da autora (2017).
Legenda: S.M. = Salário Mínimo.

A média de idade dos idosos deste grupo foi de 72,2 anos. O grupo contou com 10 mulheres e dois homens; condição muito comum nos grupos de convivência, devido a feminização da velhice (CAMARANO, 2002).

Outra característica deste grupo foi o estado civil – com relativa paridade entre casados e viúvos, sendo quatro sujeitos sem parceiros; condição que, para Debert (2012), significa autonomia e liberdade das mulheres idosas.

Apenas um sujeito tem grau de instrução fundamental, os demais são de nível médio ou superior; a renda de um salário mínimo foi observada em cinco participantes, sendo a dos demais igual ou superior a cinco salários. O grau de escolaridade e os rendimentos (aposentadorias, em boa parte, pela provisão do Estado) desempenham um papel muito importante na renda dos idosos e essa importância cresce com a idade (CAMARANO, 2002). Neste grupo, em especial, a renda também é reforçada por atividade remunerada que alguns desempenham, mesmo depois de aposentados, mantendo-se produtivos.

Quadro 4 - Experiências prévias dos idosos com música

Sujeito	Apreciação musical	Costume de cantar	Habilidade instrumento	Interesse musical
CL	SIM	SIM	NÃO	NÃO
CR	SIM	SIM	SIM	NÃO
I	SIM	SIM	NÃO	NÃO
JO	SIM	SIM	NÃO	SIM
JR	SIM	SIM	NÃO	NÃO
JU	SIM	SIM	SIM	SIM
L	SIM	SIM	NÃO	NÃO
M	SIM	SIM	NÃO	NÃO
SV	SIM	SIM	NÃO	NÃO
W	SIM	SIM	SIM	SIM
ZE	SIM	SIM	NÃO	NÃO
ZU	SIM	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Da autora (2017).

No tocante as relações com a música, os idosos não institucionalizados, declararam apreciar muito, SV diz: - "*sou movida a música*"; todos costumam cantar (quatro deles participam de coral). Nos termos de Pereira e Vasconcelos (2007), o canto coral é um processo de socialização, pois aproxima as pessoas e esta aproximação permite que se estabeleçam relações de amizade, hierarquia, valores e papeis sociais interdependentes, formando vínculos entre elas através de um elemento principal a música.

Três idosos aprenderam a tocar um instrumento no passado, mas apenas um ainda toca, um parou quando casou e nasceram os filhos, mas não tem interesse em retomar, enquanto que outro que também tocava, parou a aprendizagem por que o curso parou, mas tem muita vontade voltar a aprender a tocar um instrumento. Entre os que nunca aprenderam a tocar destaca-se ainda um idoso que manifestou interesse.

Note-se que os sujeitos deste grupo têm afinidade com música; seja por canto, seja por execução de instrumentos.

4.2.1 Condições cognitivas emocionais dos idosos não institucionalizados

As condições cognitivas dos idosos não institucionalizados foram consideradas satisfatórias, fato que pode ser associado à condição de serem ativos. Miranda e Banhato (2008) discorre sobre o idoso saudável e ativo, afirmando que as "alterações"

decorrentes do envelhecimento, no idoso ativo, ocorrem de forma lenta, de maneira que a condições física, social e cognitiva desses idosos apresentam-se melhores que as da maioria das pessoas da mesma faixa etária.

Da mesma maneira as condições emocionais dos idosos deste grupo são favoráveis, pois não relataram conflitos familiares importantes; os que vivem sozinhos aproveitam seu tempo e espaço para socializarem participando de grupos e atividades que lhes fazem sentir produtivos e capazes, condição que o ser humano necessita por ser um ser social e gregário (ZIMERMAN, 1995).

4.2.2 Resultados dos encontros musicais com idosos não institucionalizados

No primeiro dia de atividades com os idosos não institucionalizados todos se encontravam na sala aguardando e com expectativas para o início. Como indicado na seção metodologia (primeiro encontro), a atividade foi prontamente atendida por todos os idosos, ou seja, mobilizaram-se no intuito de formarem os grupos e realizaram a atividade de lembrar músicas a partir de palavras em tarjetas.

Como a atividade foi muito bem aceita e concluída com rapidez foi entregue mais palavras. Embora os grupos estivessem divididos e deveriam trabalhar independentes um do outro. Constatou-se que alguns idosos auxiliaram outros, de modo que se evidenciou uma ação colaborativa. Nos termos de ZIMERMAN (1995, p 333) “(...) o ser humano não existe e nem subsiste se não mantiver alguma forma de comunicação, interação e de reconhecimento de seus pares”. Neste grupo, os idosos já se conheciam e desenvolviam atividades juntos, anteriormente a esta.

Assim durante a execução da atividade todos se mostraram muito animados, receptivos e alegres com a proposta, evidencia-se que o objetivo do primeiro encontro se alcançou e como atividade para ser realizada em casa, foi solicitada que a partir das palavras trabalhadas neste primeiro encontro, lembrassem de outra(s) música(s)e trouxessem para o próximo encontro, tendo o cuidado de que deveriam ser diferentes das já trabalhadas.

O início do segundo encontro ocorreu com a escuta e cantação das músicas que foram lembradas no encontro anterior; após foi solicitado que cada um apresentasse a música que pensou durante a semana.

Todos trouxeram uma música -escrita, impressa ou mesmo gravada em um CD. Quando apresentadas/cantadas pelo sujeito, os demais também cantavam, reforçando o coro de vozes.

Depois deste momento, conversou-se sobre qual era a forma que eles tinham de escutar música quando jovens e como que as escutam hoje. Todos colocaram suas experiências, informando que as ouviam nos rádios, toca discos ou nas galenas:

JU disse: - *"Antigamente no rádio. Hoje ligo a TV e já coloco em canal de músicas e fico ouvindo, só não sei gravá-las".*

L informou: - *"Eu sempre ouvi; meu pai tinha salão de baile. Aos 11 anos fui para um colégio interno, antes de dormir no colégio era o momento que ouvíamos músicas nos toca discos. Quando casei, meu marido tinha toca fitas e ouvíamos as fitas gravadas, as fitas cassetes. Atualmente, cantigas de roda, canto e ensino músicas infantis à minha neta de dois anos".*

CR disse: - *"Sou da época da galena. Ouvia à noite no escuro, depois que meus pais dormiam. Hoje ouço muito rádio, se eu estiver sozinha, ou ninguém ligou a TV, o som que ouço é do rádio".*

Os idosos não só partilharam seus gostos musicais, como também narraram suas experiências em relação à música; experiências estas que revelam que a música, tal qual a velhice, pertencem ao tempo, um tempo que marca o corpo e que constrói memórias (SOUZA, 2013). As músicas fazem parte da construção subjetiva, ao longo do tempo, e para diferentes sentimentos.

Conforme descrito à página 26, a atividade solicitada para o próximo encontro foi uma música com nome de mulher, com exceção das músicas "Amélia e Iracema", já ouvidas no grupo, como exemplo da atividade proposta.

O terceiro encontro iniciou-se como os demais: cantando-se as músicas do encontro anterior e, após, cada idoso apresentou a música que continha um nome de mulher. Todos cumpriram a tarefa; não houve coincidência das escolhas e, portanto, variedade - "Marina"; "Maria Helena", "Sandra Rosa Madalena"; "Tieta", 'Diana", "Ana Júlia", entre outras.

Na sequência foi solicitado que se formassem dois grupos e entregue uma bola para cada um, a qual deveria ser passada de mão em mão enquanto tocasse uma música. Quando a música parasse de tocar, quem estivesse com ela deveria continuar cantando. No entanto, essa atividade não se concretizou como prevista, pois enquanto a música era tocada os participantes dos dois grupos cantavam-na e quando a música

parava todos cantavam também. Todos se mostravam muito animados, balançando-se na cadeira, mexendo os braços em coreografia. Situações estas que condizem com as afirmações de Gomes e Amaral (2012) sobre o valor da utilização da música com idosos pelo prazer de cantar, tocar, improvisar, criar e recriar musicalmente e também o redescobrir as canções que fizeram e fazem parte de sua história sonoro- musical.

Pode-se assim, constatar o trabalho linguístico-cognitivo - atenção visual, coordenação motora, memória e linguagem verbal. Finalizando o encontro, foi solicitado que lembrassem e trouxessem músicas de carnaval.

O quarto encontro iniciou-se como os anteriores; sendo também entregue a cada um as letras de músicas que foram cantadas e sugeridas nos encontros anteriores, de forma impressa. Em seguida, cada um apresentou sua música de carnaval – “Cabeleira do Zezé”, “Aurora”, “Camisa Listrada”, “Chiquita Bacana”, “Cachaça Não é Água”, por exemplo.

Neste encontro, como nos demais, os objetivos de atualização linguística, de emergência de memórias foram alcançados. Segundo Gomes e Amaral (2012), o trabalho com música funciona como ação coadjuvante na eficácia da manutenção dos processos cognitivos, elevação da autoestima e ampliação da socialização.

Após as cantorias foi solicitado como tarefa para a próxima semana: a partir das letras entregues e/ou das marchinhas de carnaval trazidas, fosse criada uma paródia.

O quinto encontro foi muito produtivo; apenas um idoso não realiza ou a atividade sob a justificativa de não ter tido tempo (comprometeu-se a trazê-la no próximo encontro). Todas as paródias foram apresentadas, ora com a ajuda da pesquisadora para cantar, ora sem.

Constatou-se que as paródias tiveram cunho reivindicatório e pessoal, também. Muitas trataram de questões pertinentes à cidadania: gratuidade de passagem de ônibus para idosos e outros; falta de cuidado com as praças da cidade. Uma referiu à história da vida do idoso.

Seguem-se três paródias, a título de exemplo.

a) Inspiração na música “Cabeleira do Zezé”:

- Olhe a gratuidade do seu Zé

- Não vou deixar a pé, não vou deixar a pé

- Se eu deixo o seu Zé a pé

- A empresa vai pagar a multa

- Depois chego lá no setor

- Dizendo que não tive culpa

- Olhe a gratuidade!

- Olhe o estudante!

- Olhe o especial!

- Olhe o idoso!

b) Inspiração na música “Aurora”:

- Se você fosse prefeita

- ô, ô, ô, ô Aurora,

- veja só que bom seria,

- ô, ô, ô, ô Aurora,

- Uma linda pracinha

- com balanço e muito mais

- e a caixa de areia para o pulo ser maior

- crianças satisfeitas, a cidade então teria

- ô, ô, ô, ô Aurora!

c) “Acorda Maria bonita”, L canta:

- Acorda Laurinha querida

- Levanta pra tomar Tetê

- A mamãe já foi trabalhar

- Lá no hospital da FAU

- hoje é dia de ir para escolinha

- profe Mara já está esperando

- junto com os coleguinhas

- pra brincar e bagunçar

- Lalala é o amor da vovó

- veio preencher o meu mundo

- hoje sou muito feliz

- por poder cuidar de ti

Note-se a criatividade nas paródias. Os idosos puderam, entre outros aspectos, aprimorar suas capacidades de resolução de problemas e de linguagem verbal. Souza (2013) refere a música como canal sonoro pelo qual se pode dar vazão à criatividade e às capacidades cognitivas e sociais, seja em grupo ou individualmente.

O sexto encontro iniciou-se com formação de três pequenos grupos; prontamente à solicitação, os idosos se movimentam, afastando cadeiras e se organizando autonomamente. O convívio entre eles, os vínculos de amizade já estabelecidos, faz com que o grupo cresça e se autorregule a cada encontro. Segundo Zimermann (1997) esta é uma resposta satisfatória da participação efetiva dos idosos nos grupos. O grupo relaciona-se com o uso de estratégias que faz ressurgir a motivação através de atividades que estimulam suas capacidades (que podem estar atrofiadas por falta de uso ou de motivação). Neste grupo, as potencialidades de cada um, e do grupo como um todo, têm sido demonstradas pelo engajamento com as propostas da pesquisadora.

Foi distribuída para cada grupo uma palavra ou expressão para que os participantes lembrassem músicas que as contivesse. As palavras da primeira rodada foram: “amizade, amor e saudade”. Rapidamente cumprida. A segunda rodada contou com a expressão e as palavras: “meu amor, pessoas e solidão” e a terceira: “cantar, aquele e alguém”, destas palavras duas (pessoas e amizade) não tiveram músicas apresentadas, ficando como tarefa para o próximo encontro.

Mais uma vez, presenciou-se o canto em coro (todos cantavam, enchendo a sala). Outra atividade da tarde foi no grande grupo; um dos participantes dizia uma palavra e quem primeiro lembrasse uma música que a contivesse, cantaria um trecho dela; esta pessoa seria a próxima a dizer a palavra, e assim sucessivamente.

Vale destacar que a atividade não ocorreu tal como proposta. E, a interpretação para a mudança, decorre do fato de o grupo estar com forte vínculo e, portanto, propriamente constituído (ZIMERMANN, 1997). Explico: a maioria dos idosos encontravam músicas com a palavra escolhida, de modo que, foi necessária a intervenção da pesquisadora para assegurar a rodada de sugestão das palavras. Todos participaram, cantando bastante, rindo muito.

Finalizando o encontro, como atividade para ser realizada em casa, foi sugerido que pensassem na “música da vida”, ou seja, música associada a um fato importante de suas vidas.

O sétimo encontro também foi muito produtivo. Trouxeram as músicas referentes as duas palavras do encontro anterior, que não conseguiram lembrar, dentre elas: *“(...) olhar você é e não saber, você é a pessoa mais linda do mundo”; “(que tu colhas sempre todo dia, paz e alegria na lavoura da amizade"*.

Quanto à “música da vida”, que se iniciou com a apresentação da pesquisadora (contando o porquê da escolha e, em seguida, a audição da música), foi possível contemplar a socialização de apenas seis idosos, ficando os demais para o próximo encontro.

Todas as apresentações foram “carregadas de emoção”, dado que as músicas apresentadas traziam lembranças da infância, dos pais que não mais existiam, dos amigos. Constatou-se vozes embargadas, choro, mudanças na expressão facial (como rubor) que se explicam, “sentir uma emoção é uma coisa simples, consiste em ter imagens mentais originadas em padrões neurais representativos das mudanças no corpo e no cérebro” (DAMÁSIO, 1996, p. 156). Falar da vida ligada a uma música aciona mecanismos mentais que provocam este estado físico, visto que os idosos percebem o tempo que já passou, relacionando música e funções cerebrais (SOUZA, 2013). Seguem-se exemplos das histórias trazidas:

- *“Eu trago a música “Pai Herói”, do Fabio Jr, por que meus pais morreram muito cedo e meus filhos não conviveram como eles. Eu fico com muita pena disto, pois antigamente tudo era mais difícil, os pais eram realmente heróis, eles enfrentavam as dificuldades que vinham e mantinham a família unida a qualquer custo, hoje em dia por qualquer probleminha esta gurizada já se separa, não quer mais ficar junto, eu até hoje ao ouvir esta música me emociono”.* (História de W).

- *“Eu trouxe ‘a canoa virou’. Ela me lembra muito quando eu era criança e brincávamos na rua, me vem à lembrança das brincadeiras da infância”.* (História de Jo; todos cantam junto com ela).

- *“Minha música é ‘Amigos para sempre’. Sempre me lembro dos amigos que deixei quando me aposentei, foram muitos anos trabalhando junto e quando saí esta música foi tocada, sempre me lembro deles”.* (História de CL).

Esta atividade não se relacionava apenas com a recordação de uma música, mas também com o significado da vida de cada um. Assim, a mobilização de sentimentos foi inevitável, visto que os idosos estavam envolvidos e dispostos a cumprir todas as atividades propostas. Nota-se aqui a motivação presente em cada um deles. A propósito, Souza, (2013) destaca as pesquisas que relacionam música e funções cerebrais (principalmente das áreas cognitivas e límbicas), afirmando que a música influencia marcadamente os resgates de memória, e na ativação psicofísica, aliam-se o comando e o movimento, a razão e a emoção.

No oitavo encontro, os participantes que não conseguiram apresentar sua música, fizeram-na neste. As apresentações giraram em torno das brincadeiras de crianças e carnavais antigos.

Finalizando as atividades, passou-se à avaliação do trabalho com música:

- Z: *"Eu achei muito bom; a gente recordou coisas que a gente viveu e animou grupo porque quando as músicas são conhecidas todo mundo canta, e pra memória eu acho que ajudou".*

- M: *"Eu ultimamente não ouvia músicas mundanas, como dizem na minha igreja (até faço parte do coral, mas são hinos da igreja); e cantar aqui me despertou uma coisa tão boa, eu tinha esse aparelho de som três em um, que não está funcionando, só que não consigo ninguém para arrumar, eu quero poder ouvir outras músicas, tenho quantidade de cassetes que quero ouvir, músicas de "Altamiro Carrillo" só tocando flauta, maravilhas, tenho o "Rock and roll", daqueles quatro moços ("os Beatles"), tenho maravilha tudo em cassete, quero ouvir novamente, mas meu pastor não pode saber" (risos)*

- Ju: *"Eu gostei muito achei muito interessante e melhor ainda por ter colaborado com a professora"*.

- Jr.: *"Eu achei muito bom e me fez lembrar o tempo da vitrola; meu pai tinha uma vitrola, depois o toca-discos, me lembro da época que meu pai conseguia discos emprestados e a gente podia ouvir em casa às grandes orquestras, depois a fita cassete e agora o CD e a volta do disco de vinil"*.

- Zu: *"Para mim foi ótimo essa convivência, me trouxe enriquecimento de relacionamento, valeu muito, a gente passa aqui nossa vida e ela é feita de altos e baixos. Esse grupo dá muita força para a gente, a gente vê que tem outro dia melhor e foi um prazer muito grande participar"*.

- Jo: *"Achei muito bom, gostei muito, a música levanta o ego da gente, muitas músicas esquecidas a gente relembrou, eu entrei no meio do ano no grupo, mas a convivência com todos muito agradável todos muito, muito legais, gostei do grupo todo".*

- CL: *"Eu gostei muito do grupo do trabalho de música, porque eu gosto muito de música desde pequena, gosto de relembrar músicas do passado, gostei do teu jeito de trabalhar com as músicas".*

- I: *“Eu achei ótimo trabalhar com as músicas, relembrei meu tempo de criança, eu não sou muito lembrar o passado, mas parece que eu voltei a ser criança, a gente cantando todos juntos foi muito alegre, ah eu adorei".*

- CR: *“Eu gostei demais, me senti muito à vontade, A música fez isto porque eu gosto muito de música, os colegas também muito bons, trabalhar com todos e os estudos para mim foi um remédio”.*

- W: *" Foi ótimo para mim, eu contei pra vocês que há dois anos eu resolvi parar um pouco de trabalhar, porque depois de aposentado segui trabalhando, e fui procurar os grupos e aqui o grupo é maravilhoso, eu às vezes me atraso, mas não quero faltar foi ótimo a gente recordou muitas coisas que a gente nem pensava, mexeu no fundo com a gente, eu não tenho boa voz pra coral, mas me adotaram lá no coral eu vou, tem muita gente trabalhando com música, eu gostei muito de participar aqui não conhecia e tive uma surpresa muito agradável valeu foi muito bom".*

- L*: “Achei que foi um excelente aliado a música e a memória que tem muito haver, despertou muito esse lado da memória através da música para nós, foi uma grande benção este ano termos estado aqui, eu queria dizer que quando assisti o ano passado apresentação dos idosos lá na Universidade me deu vontade de estar no palco apresentando também e eu queria sugerir pra ti que nos levasse pro palco, que fizesse alguma coisa com o grupo e que a gente pudesse apresentar também, me deu vontade, a gente tem condições e para todos nós seria interessante a gente se acha tão sem condições, mas se alguém der a mão e puxar, incentivar a gente é capaz. O que falta muitas vezes é alguém dizer que a gente pode, e outra coisa é quanto ao grupo, eu participo de outros grupos também, mas esse trabalho com a música fez o grupo ficar mais unido, ninguém compete com ninguém, todos crescemos juntos, gostei muito".*

- SV: *“Falaram tudo que eu tinha pra falar agora não tenho que falar, faço minhas as palavras de todos, eu adorei até porque eu sou muito de começar e depois já não quero mais, mas aqui não, eu me fixei tanto, eu não faltei nenhum dia, eu sou movida a música".*

Merece destaque a fala de Zu, idosa que está em tratamento de saúde, mas ela não deixa transparecer, no entanto, sua satisfação fica evidente assim como dos demais, referendando amparando-se em Gomes e Amaral (2012), trabalhar com a música é o que tem de mais essencial nos processos terapêuticos, levando a pessoa afetada por uma doença a manter uma posição mais confiante diante da vida,

minimizando a sintomatologia e transformando a si mesma, ganhando força para estancar sua progressão, pois a música possibilita que a pessoa orquestre a mente, corpo, alma e coração resgatando sua identidade e fazendo com que o indivíduo se torne maestro dele mesmo.

Os depoimentos, de um modo geral, evidenciaram a elevação da autoestima, da socialização e reforço de vínculos, dado que corrobora com Gomes e Amaral, (2012, p. 105) “o uso da música vem se sobressaindo por proporcionar efeitos significativos nas esferas psicoemocionais, físicas e sociais das pessoas, repercutindo na melhora da auto estima e da socialização”.

5 CONCLUSÃO

Este estudo contou com a participação de idosos com a média de idade entre os idosos institucionalizados de 74 anos (63 a menor e 84 a maior). Houve equilíbrio entre homens (cinco) e mulheres (quatro). Os idosos apresentaram baixo grau de escolaridade (um idoso analfabeto e os demais com ensino fundamental). Todos recebem um salário mínimo, proveniente de aposentadoria, seja por idade ou por invalidez.

Foi constatada significativa perda dos vínculos familiares (seja por morte ou por conflitos), assim como foi evidenciada a impossibilidade, de alguns, na realização do autocuidado por comprometimento neurológico ou por necessidade física ou sensorial (um que utiliza cadeira de rodas e outro idoso com deficiência visual). O sentir-se só e a inatividade dentro da instituição foi outro dado presente entre os idosos institucionalizados.

Em relação ao grupo de idosos não institucionalizados, a média de idade foi de 79,8 anos (63 a menor e 82a maior) e a maioria dos participantes foram mulheres. O grau de escolaridade apresentou-se elevado (seis idosos tinham ensino superior; cinco, ensino médio e apenas um com o ensino fundamental). A renda média foi de 3,4 salários mínimos, proveniente de aposentadorias por tempo de serviço; constatou-se a existência de aposentados que continuam exercendo outra atividade remunerada.

Os idosos não institucionalizados não apresentaram queixa de solidão ou conflitos familiares. Os homens eram casados (dois participantes eram marido e mulher); das mulheres casadas (uma era pela segunda vez e as demais estavam no primeiro casamento); as mulheres que estavam sem parceiro, viviam sós e tinham essa condição como uma possibilidade de liberdade e realização de planos e projetos que desejavam e mostravam-se satisfeitas com tal condição. Todos os idosos do grupo não apresentavam perdas cognitivas, dado que uma condição para que participassem da atividade no centro de convivência era a de nenhum problema demencial diagnosticado.

Em relação ao envolvimento dos idosos com música ao longo de suas vidas os idosos institucionalizados referiram, na sua unanimidade, que não aprenderam a tocar nenhum instrumento musical, contudo, tiveram envolvimento com a música na participação de celebrações religiosas (missa ou culto) e em função de atividade

profissional (idoso fotógrafo e cinegrafista de uma emissora de TV). Os demais idosos tiveram contato com música esporadicamente, declararam que não a ouviam com tanta frequência e, somente agora nessa fase de institucionalização que se encontram e pela falta de ocupação dentro da instituição, a música ouvida tanto no rádio quando no telefone celular, foi uma atitude que referiram exercer, “a música me faz companhia”, portanto, atualmente ouvem mais do que anteriormente.

Os idosos não institucionalizados referiram um envolvimento com a música no que trata de aprender um instrumento musical (três deles apresentavam essa habilidade); apenas um deles manifestou interesse a aprender a tocar um instrumento musical atualmente e só não o fez ainda por falta de oportunidade. Alguns idosos relatam que, desde muito jovens, ouvem músicas por influência dos pais. Outros ainda declaram que participam de grupos corais, reconhecem que sua voz não tem muito alcance, porém aprenderam a não desafinar e, no canto coral, relatam eles, isto é o mais importante. Uma idosa declarou *“sou movida a música”*.

Considerando o tempo desta pesquisa, especialmente o desenvolvimento dos encontros musicais, junto aos dois grupos de idosos, tão distintos entre si, um grupo formado por residentes em uma ILPI e outro com participantes de um Centro de Convivência na cidade de Pelotas/RS, pode-se dizer que se constatou que a música pode e deve ser uma ferramenta para a reabilitação de idosos com comprometimento neurológico, dado que, no grupo de idosos institucionalizados, onde alguns apresentavam certo comprometimento, as atividades com música tiveram a capacidade de tirá-los da apatia e da indiferença que apresentavam inicialmente. No decorrer das atividades e com o que estava sendo proposto, quando a música era de seus gostos ou de alguma maneira tinha uma relação com suas histórias de vida, imediatamente se manifestavam e se envolviam, cantando, dançando, “batendo palmas”, como sinal de contentamento, além de, é claro, cumprir o que a atividade propunha.

Independentemente de déficits cognitivos, os grupos eram um espaço onde podiam e conseguiam se manifestar como seres integrais e únicos. Foi unânime o descontentamento pelo término da pesquisa, pois os idosos perceberam-no como um local e uma oportunidade de estimulação que resultava em ganhos evidentes. Tal constatação adveio do fato de: não faltar aos encontros, quando tinham de sair ao chegarem se dirigiam ao grupo mesmo que atrasados, se suas músicas já tinham sido

tocadas, solicitavam a sua audição, relataram ainda que contavam os dias da semana para se reunirem novamente para as atividades.

No grupo de idosos não institucionalizados, a condição de comprometimento neurológico não se constatou, até mesmo pela forma como o grupo previamente se constituiu. Pode-se dizer que, neste grupo, a música também aprimorou as condições cognitivas e afetivas emocionais dos idosos, evidenciadas pela assiduidade, pela realização das atividades propostas, que muitas vezes excedeu ao solicitado, também faziam as atividades de forma autônoma sem muita intervenção da pesquisadora, tanto em grupo quanto individualmente. Através da música relembraram fatos de sua história que a muito tempo não eram acessados, até mesmo o gosto por ouvi-las foi estimulado.

Outro fato que merece ser destacado é o do contato com a música ao longo de suas vidas. Independentemente de terem ou não se relacionado com música (ouvindo, cantando ou tocando), os idosos se beneficiaram de sua utilização, com atualização cognitiva e afetivo-emocional. Tal afirmação encontra respaldo na fala de Z: *"na vida da gente é assim... têm altos e baixos, mas neste grupo eu tive a oportunidade de ver que sempre tem algo melhor para acontecer".*

É possível, pois, afirmar que o estudo evidenciou o impacto positivo da música na vida dos idosos, principalmente nos idosos institucionalizados, que, mesmo acometidos de alguns processos de demências, demonstraram ganhos ao participarem das atividades. Este estudo também é indicação do que é possível ser oferecido como atividade dentro das ILPI. O trabalho com música pode ser utilizado por profissionais da gerontologia que se apresentem devidamente preparados. A música é uma ferramenta não dispendiosa, a atividade carece de poucos recursos materiais e, mais, a música, assim como o respirar, acompanha o homem ao longo de sua existência - *"ela pode nos tirar da solidão coletiva"*; *"ela nos move"*.

REFERÊNCIAS

ABREU, V. P. S.; TAMAI, S. A. B. Reabilitação cognitiva em gerontologia. In: FREITAS, E. V. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogam, 2006. p. 882-890.

ALCANTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família**: entre abafos e desabafos. Campinas: Alínea, 2004.

AZEREDO, Z. de A. S.; AFONSO, M. A. N. Solidão na perspectiva do idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 2, p. 313-324, mar./abr. 2016.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BESSA, M. E. P. et al. Idosas residentes em instituições de longa permanência: uso dos espaços na construção do cotidiano. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 177-182, 2012.

BOFF, L. **O princípio-Terra**: volta à pátria comum. São Paulo: Ática, 1999.

BORN, T. Cuidado ao idoso em instituição. In: PAPALEO NETO, M. et al. (Orgs.). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 403-413.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 4 jan. 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm>. Acesso em: 16 jul. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 16 jul. 2017.

CAIXETA, G. C. dos S.; FERREIRA, A. Desempenho cognitivo e equilíbrio funcional de idosos. **Revista Neurociências**, v. 17, n. 3, p. 202-208, 2009.

CAMARANO, A. A. Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?. Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira**: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARAMELLI, P. Neurologista recomenda atividades sociais e intelectuais para o cérebro. **G1**, 08 out. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/notícia/2010/10/neurologista-recomenda-atividades-sociais-e-intelectuais-para-o-cerebro.html>. Acesso em: 17 ago. 2017.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e a amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

CONSONI, I. A. G. **A contribuição da música na educação**. São Paulo: Psicopedagogia online, 2009. Disponível em: <https://www.psicopedagogia.com.br/>. Acesso em: 11 set. 2017.

COSTA, M. C. N. S.; MERCADANTE, E. F. O idoso residente em ILPI (instituição de longa permanência para idoso) e o que representa para o sujeito idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, n. 2, p. 209-222, 2016.

CREUTZBERG, M.; GONÇALVES, L. H. T.; SOBBOTTKA, E. A. Instituição de longa permanência para idosos: a imagem que permanece. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 273-279, apr./jun. 2008.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoções, razão e o cérebro. Tradução portuguesa de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2012.

FEDOSSE, E. **Da relação linguagem praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia**. 2000. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FERNANDES, H. J. **Solidão em idosos do meio rural do concelho de Bragança**. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2007.

FREITAS, P. C. B. de. **Solidão em idosos**: percepção em função da rede social. 2011. 96 f. II Ciclo (Gerontologia Social Aplicada) – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2011.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GAZZANIGA, M. S.; HEATHERTON, T. F. **Ciência psicológica**: mente, cérebro e comportamento. São Paulo: Artmed, 2005.

GÓES, MCR de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, v. 20, n. 50, p. 9-25, 2000.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOMES, L.; AMARAL, J. B. do. Os efeitos da utilização da música para os idosos. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 103-117, dez. 2012.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 2, p. 67-87, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neuro desenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM**, v. 11, n. 9, p. 7-16, 2003.

ILARI, B. Música, comportamento social e relações interpessoais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 191-198, jan./abr. 2006.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JORGE, M de M. Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 47-61, jun. 2005.

LIMA, R. A. **Linguagem infantil, da normalidade à patologia**. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 2000.

LUNA, K. K G. P. **Avaliação psicossociológica em idosos institucionalizados**. 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado de Enfermagem) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

LURIA, A. R. **Sensações e percepção, atenção e memória, linguagem e pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1979. (Coleção Curso de Psicologia Geral).

Maia, R. L. **Dicionário de sociologia**. Porto: Porto Editora, 2002.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 6. ed. São Paulo: Bookman, 2012.

MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MIRANDA, L. C., BANHATO, E. F. C. Qualidade de vida na terceira idade: a influência da participação em grupos. **Psicologia em Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 69-80, jan./jun. 2008.

MITHEN, S. The music instinct. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1169, n. 1, p. 3-12, 2009.

MITHEN, S. et al. **The Singing Neanderthals**: the Origins of Music, Language, Mind and Body. London: Weidenfeld & Nicholson, 2005.

MONTEIRO, H.; NETO, F. **Universidades da terceira idade**: Da solidão aos motivos para a sua frequência. Porto: Legis Editora, 2008.

MORATO, E. M. Reflexões em torno da confabulação e da fabricação da memória: Continuidade ou ruptura entre real e imaginário. **Remate de Males**, Campinas, v. 32, n. 2, p. 195-210, jul./dez. 2012.

NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001.

NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivência, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papirus, 2004.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Envelhecimento Ativo**: uma política de saúde. [Manual] Tradução de Gontijo S. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

NETO, F. A escala de solidão da UCLA: adaptação portuguesa. **Psicologia Clínica**, v. 2, p. 65-79, 1989.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Plano de ação internacional para o envelhecimento**. Viena, Austrália, 1982. Relatório.

PEREIRA, E.; VASCONCELOS, M. O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. **Revista Hodie**, v. 7, n. 1, p. 99-120, 2007.

PERETZ, I.; ZATORRE, E. R. J. Brain organization for music processing. **Annual Review of Psychology**, v. 56, p. 89-114, 2005.

POCINHO, M.; FARATE, C.; DIAS, C. A . Validação psicométrica da escala UCLA-Loneliness para idosos portugueses. **Interações**, v. 18, p. 65-77, 2010.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia grupo analítico**: teoria e técnica. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

ROCHA, V. C. da; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 27, p. 132-140, 2013.

SACKS, O. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SCHNEIDER, D. D. G. Processos de resolução de problemas e de tomada de decisão no envelhecimento in cognição e envelhecimento. PARENTE, M. A. M. P. **Cognição e envelhecimento**. São Paulo: Artmed, 2006.

SOUZA, M. G. C. Musicoterapia e a clínica do envelhecimento. In: Freitas, E.V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 1429-1440.

VICTORIA, C. G. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

YASSUDA, M. S.; CACHIONI, M. Desempenho de memória e percepção de controle no envelhecimento saudável. In: YASSUDA, M. S.; CACHIONI, M. **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Papirus, 2004. p. 111-125.

ZIMERMAN, G. I. Grupos de idosos. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. et al. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 331-342

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Est Civil_____

Naturalide:_____

Grau de Escolaridade: _____ Profissão _____

- O(a) senhor(a) lembra de música da sua infância/juventude? Se sim, quais?
- O(a) senhor(a) sabe tocar algum instrumento musical? Já tocou algum? Como aprendeu a tocar? Gostaria de ter tocado? Qual?
- Atualmente o(a) senhor(a) canta? O quê? Onde? Quando?
- O(a) senhor(a) gosta de música?
- O(a) senhor(a) ouve música? Onde? Como? Qual?
- Como o senhor percebe a sua vida no Asilo?
- Como o senhor se sente?
- O senhor quis vir para cá?
- O senhor sente alguma dificuldade em se relacionar com as pessoas que moram aqui? E com os funcionários?
- O que o senhor mais gosta aqui?
- O que o senhor menos gosta?
- Porque o senhor aceitou participar destas atividades com músicas?
- O(a) senhor(a) sabe que dia é hoje da semana?
- O senhor sabe o nome deste local que estamos?
- Qual seu nome completo? Que idade o senhor tem?
- Qual sua foi sua ocupação? O senhor trabalhava? Com o que?
- Qual seu salário atual?

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTRADA COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Est Civil_____

Naturalide:_____

Grau de Escolaridade: _____ Profissão _____

- O (a) senhor (a) lembra de música da sua infância/juventude? Se sim, quais?
- O (a) senhor (a) sabe tocar algum instrumento musical? Já tocou algum? Como aprendeu a tocar? Gostaria de ter tocado? Qual?
- Atualmente o (a) senhor (a) canta? O quê? Onde? Quando?
- O (a) senhor (a) gosta de música?
- O (a) senhor (a) ouve música? Onde? Como? Qual?
- Como o (a) senhor (a) percebe a sua vida?
- O (a) senhor (a) sente alguma dificuldade em se relacionar com as pessoas que moram junto com o (a) senhor (a)?
- O que o (a) senhor (a) mais gosta de fazer?
- O que o (a) senhor (a) menos gosta?
- Porque o (a) senhor (a) aceitou participar destas atividades com músicas?
- O (a) senhor (a) sabe que dia é hoje da semana?
- O (a) senhor (a) sabe o nome deste local que estamos?
- Qual seu nome completo? Que idade o (a) senhor (a) tem?
- Qual sua foi sua ocupação? O (a) senhor (a) trabalhava? Com o que?
- Qual seu salário atual?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO

LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Música, cognição e afetividade: um estudo junto a idosos institucionalizados e não institucionalizados.
Pesquisador Responsável: Elenir Fedosse
Instituição/Departamento: UFSM / Centro de Educação Física e Desportos
Telefone e endereço postal completo: Prédio de Apoio, Rua Marechal Floriano Peixoto, nº1750, sala 10, CEP 97015-372.

Nós, Elenir Fedosse e Izabel Cristina Pinheiro Laguna, responsáveis pela pesquisa '*Música, cognição e afetividade: um estudo junto a idosos institucionalizados e não institucionalizados*, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende analisar a repercussão da utilização da música nas condições cognitivas afetivas implicadas na (con)vivência de idosos institucionalizados e não institucionalizados. Acredito que ela seja importante porque considero que a música pode elevar a qualidade da vida humana, pois se apresenta como instrumento simples, barato e acessível que pode ser utilizada em atividades terapêuticas. A realização do estudo se dará na forma de encontros permeados por um trabalho com música, que se dará através de oito encontros, uma vez por semana, com duração de uma hora e meia, além de entrevistas que serão realizadas anteriormente e posteriormente aos encontros. Toda ação será filmada para posterior transcrição e análise.

Os riscos deste estudo são considerados mínimos, mas os participantes poderão sentirem-se constrangidos ao serem filmados, assim como sentirem emoções desagradáveis, atuais ou relativas a recordatário de fatos anteriormente vivenciados, os quais serão imediatamente acolhidos. Caso haja prolongamentos dessas sensações, a pesquisadora compromete-se a buscar e a garantir acompanhamento psicológico nas instituições envolvidas. Acredita-se que durante as atividades os participantes, de ambos os grupos, terão momentos estimulantes e prazerosos possibilitados pela música, esperando-se inclusive, que melhorem suas condições linguístico-cognitivas e afetivo-emocionais.

Durante todo o período da pesquisa, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito a assistência gratuita que será prestada pelos profissionais das instituições envolvidas.

As informações e imagens dessa pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas apenas em eventos ou publicações sem a identificação dos voluntários, a

não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Eu,_____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será laborado em duas vias (sendo que uma ficará com o participante e outra com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar esse consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

_____

Assinatura do Participante

_____

Assinatura do Responsável pela Obtenção do TCLE

APÊNDICE D - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Universidade Federal de Santa Maria
1960

Mestrado em GERONTOLOGIA

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do estudo: Música, cognição e afetividade: um estudo junto a idosos institucionalizados e não institucionalizados.
Pesquisador Responsável: Elenir Fedosse
Instituição/Departamento: UFSM / Centro de Educação Física e Desportos
Telefone e endereço postal completo: Prédio de Apoio, Rua Marechal Floriano Peixoto, nº1750, sala 10, CEP 97015-372.

O responsável pelo presente projeto se compromete a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de encontros uma vez por semana com duração de uma hora e meia em média, totalizando oito encontros (dois meses) e entrevistas realizadas anteriormente e posteriormente aos encontros, que serão gravadass e filmadas, essas ações acontecerão no CETRES e também no Asilo de Mendigos.

Informa, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Prédio de Apoio, rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1750, sala 10, cep 97015-372, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Elenir Fedosse. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em ...../...../....., com o número de registro Caae .....

Santa Maria,...17...de ...agosto.....de 20...16 .

Elenir Fedosse

Elenir Fedosse

Profª Elenir Fedosse
CRFª 3670/SP-T/RS
Departamento de Fonoaudiologia
SIAPE 1712454

Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Av. Roraima, 1000 – 97105-900 – Santa Maria – RS – 2º andar do prédio da Reitoria. Telefone: (55) 32209362 – E-mail: cep.ufsm@gmail.com.